

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SAMIRA PADILHA XAVIER

**UMA CAMINHADA PESSOAL E PROFISSIONAL: VIVÊNCIAS,
REFLEXÕES E DESAFIOS NA PROPOSIÇÃO DE MANEIRAS DIFERENCIADAS
DE APRENDIZAGEM POR MEIO DAS OMIs – OFICINAS DE MÚLTIPLOS
INTERESSES, NO COLÉGIO ESTADUAL “PROFESSORA TEREZA DA SILVA
RAMOS”, BAIRRO TABULEIRO, MATINHOS – PR.**

MATINHOS

2018

SAMIRA PADILHA XAVIER

**UMA CAMINHADA PESSOAL E PROFISSIONAL: VIVÊNCIAS,
REFLEXÕES E DESAFIOS NA PROPOSIÇÃO DE MANEIRAS DIFERENCIADAS
DE APRENDIZAGEM POR MEIO DAS OMIS – OFICINAS DE MÚLTIPLOS
INTERESSES, NO COLÉGIO ESTADUAL “PROFESSORA TEREZA DA SILVA
RAMOS”, BAIRRO TABULEIRO, MATINHOS – PR.**

Trabalho apresentado como requisito parcial à
conclusão do Curso de Especialização em
Alternativas para uma Nova Educação, do Setor
Litoral, da Universidade Federal do Paraná.
Orientação do Prof. Dr. Valdo José Cavallet

**MATINHOS
2018**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ALTERNATIVAS PARA UMA
NOVA EDUCAÇÃO



PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pela orientadora Professora **Dra. Vanessa Marion Andreoli** realizaram em 30 de junho de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **Samira Padilha Xavier** sob o título “UMA CAMINHADA PESSOAL E PROFISSIONAL: VIVÊNCIAS, REFLEXÕES E DESAFIOS NA PROPOSIÇÃO DE MANEIRAS DIFERENCIADAS DE APRENDIZAGEM POR MEIO DAS OMIs - OFICINAS DE MÚLTIPLOS INTERESSES, NO COLÉGIO ESTADUAL ‘PROFESSORA TEREZA DA SILVA RAMOS’, BAIRRO TABULEIRO, MATINHOS - PR.”, sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista no Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação*, pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo sido “APROVADA”.

Matinhos, 30 de junho de 2018.


Dra. Vanessa Marion Andreoli
Professora Orientadora


MSc. Almir Carlos Andrade
Professor Integrante


Dra. Lenir Maristela Silva
Professora Integrante


Samira Padilha Xavier
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

Uma caminhada pessoal e profissional: vivências, reflexões e desafios na proposição de maneiras diferenciadas de aprendizagem por meio das OMIs – Oficinas de Múltiplos Interesses, no Colégio Estadual “Professora Tereza da Silva Ramos”, bairro Tabuleiro, Matinhos – PR.

Samira Padilha Xavier

RESUMO

Estas escritas são um pouco da vida que tenho percorrido até aqui, mas não se encerra com este trabalho. Desde que vim mora no litoral do PR tenho percebido terra fértil para plantar uma forma de educação que permeia o prazer no conhecimento. Aqui em Matinhos – PR o tempo corre diferente, mesmo que os da “capitar” venham nos dizer: *onde já se viu?!* Aqui paramos os serviços na oficina as 17h, mas ela continua aberta, porque os filhos chegaram da escola e queremos ficar com eles/elas. Amanhã podemos fazer o que tiver que fazer, mas hoje, saiu o sol. Amanhã poderemos pescar se acabar a comida hoje. O fato é que ter vindo de uma cidade como Londrina, grande, metrópole, rápida, fez com que eu tivesse que reaprender outro ritmo com meus estudantes. Muitos professores como eu, vindos de cidades com o mesmo pensamento de grandes cidades querem impor essa forma de pensamento por essas bandas e os estudantes seguem resistentes ao que acreditam ser o melhor para sua vida. Espero que saibamos respeitar as pessoas desta linda e acolhedora cidade fazendo com que a escola seja um momento de passagem agradável e de formação humana para a sociedade de Matinhos –PR ou da cidade que escolherem viver. As OMIs se mostrou uma alternativa de cutucar estudantes e professores para o processo de aprendizagem mais autônomo, curioso e prazeroso

Palavras-chave: Palavra-chave1 educação. Palavra-chave 2 autonomia. Palavra-chave 3 caminhada. Palavra-chave 4 respeito.

1 INTRODUÇÃO

A escrita deste trabalho se dá, ainda, na especialização em Questão Social que participei, aqui na cidade de Matinhos – PR, na UFPR – Litoral, no ano de 2015 a 2016. Esta especialização me colocou em contato com pessoas que fizeram acordar em mim a paixão pela educação em meio a políticas públicas tão massacrante nas questões educacionais e cerceamento de direitos já adquiridos pelos gestores do Estado do Paraná.

Não poderia deixar minha história na Especialização em Questão Social, mesmo se quisesse porque ela, a especialização feita de pessoas, tanto professores

e colegas professores e amigos da luta, me ajudou a me organizar como ser humano e, como o outro disse há tempos atrás, juntando os pedacinhos para montar um novo mosaico. Por isso, a parte escrita deste trabalho, inicia-se no título Memória de Vida, com a minha história pessoal de infância até os dias de apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso em 2016 e, depois, entramos trabalhos, ou melhor, as ações propostas a serem realizadas nesta especialização ANE – Alternativas para Nova Educação. Especialização que se encerra, porém, não termina de fato. Continuo Aneando por onde eu estiver.

2 MEMÓRIA DE VIDA

Costumo dizer que sou paulista e são-paulinha de nascença, “pé vermeia”, que são, carinhosamente chamadas, as pessoas que nascem do Norte do Paraná e, de coração e caçara por opção. Nascida em São Paulo, quando meus pais foram de Londrina - PR rumo a cidade grande, sou a segunda filha de dois irmãos e uma irmã. Com cinco anos de idade voltamos para Londrina onde meu último irmão veio a nascer.

O início da minha vida escolar foi em Londrina, no Colégio Estadual “Hugo Simas” no centro da cidade. Lembro-me do primeiro dia de aula onde vários pais e mães estavam com seus filhos e filhas no colo. Meu pai me deixou na sala de aula, me acenou com um tchau na porta e foi embora. Eu olhei para o lado e vi uma pessoa adulta com uma criança no colo, ambos sentados. Me veio uma vontade grande de chorar, meus olhos se encheram e eu não entendia o porquê do meu corpo, os meus olhos, estarem fazendo aquilo. Antes que elas rolassem, pisquei bastante e não as deixei cair. Logo a professora entrou na sala e aquele monte de recados, proibições e permissões fizeram com que minha cabeça fosse para outro lugar, o que era incrível para mim pois, todas as vezes que a professora começava a falar, várias imagens vinham para minha cabeça e eu viajava para outros mundos. Ia até minha boneca Xuquinha, que havia ficado no meu quarto, e a casinha que eu montava e desmontava todas as vezes de brincar, feita com retalhos de tecidos. Ia até a ideia de comer uma fatia de pão ao chegar em casa, ou elaborava mais uma ida a igreja no domingo de manhã para ver, no momento que todos levantavam para a fila da comunhão, alguém que eu amava e que meu coração ansiava para ver,

mas não via, sem muita importância também, porque voltaria no outro domingo para tentar ver esse tal, por quem meu coração vinha até a boca e, era acordada daquele sonho acordado pelo sinal de recreio ou, pela voz da professora dizendo: entenderam? Agora façam.



foto 1 (1982). Eu, da direita para esquerda com 6 anos, meu irmão mais velho Marcos com 7anos, segurando meu irmãozinho com 8 meses Marcius e minha irmã mais nova Soraya com 5 anos em Londrina.

Lembro-me de sempre fazer as tarefas que eram enviadas para casa sem que minha mãe precisasse dizer que eu fosse estudar. Tentava sempre fazer algo diferente, no caderno, para impressionar a professora como desenhos no cantinho de cada página e, cada desenho era de minha própria autoria, mas sem muito sucesso. Acho que aquele caderno barato, com folhas amareladas e textura de jornal, não tornava o conjunto da obra muito bom, mas o caderno da garota do lado era sempre elogiado por seu capricho de figurinhas coladas, folhas bem brancas com linhas azuis, aliás ela, a garota ao lado, era toda um capricho com enfeites no cabelo liso e loiro, um pouco abaixo dos ombros. Eu, meio gordinha com aquele cabelo meio ruivo era meio desengonçada. Achava-a bonita. Tentava copiar a postura da sua mão com o lápis e, às vezes o jeito de sentar. Acho que ela via os

meus olhares e agia com desdém. Os dois primeiros anos na escola foram bem difíceis de fazer amigos mais pelo fato de eu não saber conversar.

Meus pais sempre diziam para não falar: na mesa, muito menos de boca cheia, na hora de ver a TV para não perder a informação ou o capítulo. Não falar era uma regra, nós só obedecíamos mesmo porque se isso não fosse feito, era chinelada para tudo quanto era lado. Os dois primeiros anos da escola essa questão de não falar foi reforçada pelas professoras, mas minha cabeça era uma “falaria” sem fim, principalmente diante daquele mundo todo de novidades. Tinha uma ou outra amiga para me emprestar a borracha e, às vezes, me passar a resposta do problema de matemática na prova, já que não sabia e não poderia falar sobre minha dificuldade. Então, continuava sem conversar, sem dizer minhas dúvidas e aguardava o momento de recreio que era o que de mais interessante acontecia na escola e que eu acompanhava uma amiga que ia até a cantina comprar algo.

O momento do recreio era para mim um momento de grande festa, não pelo fato do meu lanche, que era sempre o mesmo: uma fatia de pão caseiro, feito por minha mãe, com o guardanapo grudado na manteiga (passada por mim) em cima daquela fatia. Eu gostava daquele lanche, mas o que eu achava extraordinário era o movimento das crianças em direção à cantina da escola onde iam comprar guloseimas que pareciam deliciosas.

As crianças se aglomeravam na frente da cantina, que tinha um balcão alto e poucas crianças conseguiam se fazer enxergar por aquelas pessoas que estavam do lado de dentro para receber o dinheiro e entregar a tal guloseima. Eu achava engraçado todas aquelas crianças, de costas para mim, com uma das mãos levantadas com o dinheiro e todas gritando ao mesmo tempo o nome da guloseima escolhida. Eu não me atrevia ir até lá, mesmo porque não tinha dinheiro e porque acreditava que o sinal de fim de recreio soaria a qualquer momento sem que eu conseguisse ingerir pela minha goela abaixo o meu próprio lanche. Só dois anos depois do início da minha vida escolar é que fui me alimentar por algo que a escola havia feito e que era dado e não vendido.

Na cidade de Maringá - PR dei continuidade aos três anos seguintes da minha vida escolar e foram os anos mais felizes na escola. Escola Estadual “Prof.^a Maria Leite”, uma escola próxima de casa. Não precisava mais pegar ônibus e sempre encontrava os amigos e amigas no caminho para a escola.

Havia muitas atividades de gincanas com competição acirrada entre as séries da manhã e da tarde, desta última, que eu fazia parte. Havia competições de matemática, gincanas culturais, competições de declamação de poesia, que a Joelma sempre ganhava porque era muito boa em suas interpretações, de um linguajar caipirês, no que levava sempre o primeiro lugar. Era muito engraçado vê-la imitar uma caipirinha com tanto gosto e simpatia. Anos depois descobri esse poema que me fez lembrar destes dias de declamações feita pela Joelma:

Pru quê?/Pru quê tu chora, pru quê?/ Pru quê teu
peito saluça/e o coração se adebruçã/nos abismo do
sofrê?/Tu pode me arrespondê?/Pru quê tua arma
suzinha/pelas estrada caminha sem aligria mais tê?

Pru quê teus óio num vê/e o coração não escuita/no
sacrificio da luita/este cunvite a vivê?/Eu te prugunto, pru
quê?/pru quê teus pé já sangrando/
cuntinua caminhando/pela estrada do sofrê?

Pru quê tua boca só fala/das coisa triste da vida/que
muita veiz esquecida/dentro do peito se cala?/quando o amô
prefume exala/pru quê tu mata a simente/
dessa aligria inucente/que no seu sonho se embala?

Pru quê que teu coração/é cumo um baú trancado/
e dento dele guardado/só desespero e afrição/Pru quênum
faiz meu irmão/uma limpeza lá dentro/varrendocô
pensamento/os ispim da mardição?

Pru quê tu véve agarrado/nas asa desse caixão/
que carrega a assombração/desse difunto, o passado?/Se tu
já véve cansado/interra todo o trumento/na cova do
isquicimento/pra nunca mais sê lembrado

Depois disso, vem mais eu.../vem ouví pelas
estrada/o canto da passarada/que em seu peito
emudeceu/escuita a vóz das cascata,/chêra o perfume das
mata,/óia os campo, tudo é teu...

Aprende côs passarim/que só tem vóz pra canta/
com o sór que nasce cedim/e vem teu frio esquentá/
Óia as estrela, o luar/mas antes de tu querê/
isso tudo arrecebê/aprende primeiro...a dá.

Pompilio Diniz.

Mesmo ganhando sempre continuava a mesma menina alegre, simpática, solícita e companheira com todos nós. Ela era da turma da manhã.

Esses anos foram muito felizes também porque, próximo de casa, havia um C. S. U. Centro Social Urbano que eram espalhados pelas quatro regiões da cidade e nele havia atendimento médico, cursos para a comunidade e, na-ta-ção, tudo gratuito.

Como eu adorava piscina. Como eu achava aquilo maravilhoso! Algo para rico, mas que todos e todas da comunidade podiam participar sem pagar nada, apenas deveriam manter-se com a pele sadia, pois ao menor sinal de mancha branquinha na pele, os médicos não autorizavam as aulas na piscina. Era necessário tratar com iodo que era dado de graça para que fossem tratadas as manchas na pele, coisa que eu nunca precisei fazer, mas meu irmão mais velho sim.

Eu adorava ir para a nataçãõ e era muito boa também. Logo sai da piscina rasa com a Professora Patrícia e fui para a piscina funda, olímpica, com a treinadora Jô. Ela só permitia que a chamássemos assim. Quando descobri seu nome, achei que ela tinha razão de querer assim. Uma baixinha, meio gordinha, do cabelo curto, um pouco encaracolados, escuros, da voz forte e muito exigente.

Logo eu comecei a estudar de manhã. Os treinos de nataçãõ eram a tarde toda e isso para mim era muito maravilhoso.

Eu e meu primo Aaron, que era um ano mais novo que eu, fazíamos nataçãõ no mesmo horário. A Jô dividia as pessoas na piscina e meninas iam com meninas na mesma raia, meninos com meninos. A gente só se encontrava antes das aulas começarem quando brincávamos de casinha no Flamboiant do parquinho dentro do CSU. Os galhos desta árvore eram grossos e sustentavam bem os nossos pesos. Achava que era uma árvore velha por isso, e pelas várias raízes que olhava de cima, a rasgar o chão para segurá-la bem firme naquele lugar. Aquelas linhas que formavam as raízes daquele Flamboiant lembravam as mãozinhas da minha vó. Adorava pegar em suas mãos e ficar apertando com carinho suas veias saltadas da parte de cima da palma da mão, mas isso é outra história.



foto 2 Na foto eu e meu primo amado Aaron. Eu de cara emburrada pela obrigação da foto e com muita fome.

Brincávamos de casinha, eu e meu primo, também na piscina e na sua parte mais funda onde havia um balcão para apoiar nossos pés e, por consequência todo nosso corpo. Ali ouvíamos as instruções e, na maioria das vezes as broncas da Jô que nos observava e, às vezes gritava a posição das nossas braçadas, nossos movimentos de cabeça para as respirações. Aquele banquinho se transformava em cama quando brincávamos ou, por vezes, balcão de uma cozinha imaginária. Ficávamos tempo lá embaixo segurando a respiração e me divertia muito quando ele tentava falar comigo lá embaixo e quando ele fazia de conta de estava dirigindo um carro e saía de casa para trabalhar em pernadas de nado peito. Era ótimo o silêncio lá embaixo e o cloro que acabava com nossos maiôs acabava irritando muito nossos olhos.

Ao final da tarde de treino na piscina, tomávamos banho no vestiário e nos encontrávamos na frente a cantina do C.S.U. O pai do Aaron, meu tio, era professor ali e tinha conta naquela cantina. Depois de três horas de treino na água eu estava faminta e tudo o que eu queria era um pedaço do lanche que o Aaron retirava no nome do seu pai para que fosse pago posteriormente por ele. Aquele cheirinho de

salgado assado era irresistível, mas o cheiro de pão assado feito por minha mãe, era ainda melhor.

Saía da natação rumo a minha casa, cansada, com olhos avermelhados, espirrando um pouco. Andava cerca de meia hora, uma subida íngreme, com sol ainda bem forte, mas quando chegava na esquina de casa o cheirinho do pão terminando de assar fazia o restante do caminho ser mais feliz.

Quando entrava em casa, ela era toda cheirinho bom de pão quentinho. Minha mãe cortava duas fatias e eu passava margarina, que ia derretendo, acompanhado de um copo de leite gelado com achocolatado. Era a recompensa do dia. Logo que comia ia fazer a entrega dos pães para as freguesas que também eram seduzidas por aquele cheiro. Minha mãe sustentou a nós quatro, um bom tempo, fazendo pães que eu entregava. Só vim a perceber a importância daquilo quando fiz o curso de Cozinheiro em 2014, há dois anos. Não tive como não me emocionar nos primeiros dias de aulas de panificação.

Gostava de ver minha mãe fazer os pães. Achava engraçado como a massa grudava em suas mãos e achava mágica a forma com que desaparecia de suas mãos e como a massa se transformava em algo muito, muito lisinha. Desta massa saiam seis pães em que, quatro, eram vendidos. Toda a família elogiava o pão da mãe, em especial o meu tio Lima.

Um cozinheiro de mão cheia que marcou muito fortemente toda a minha família quer seja porque era bom cozinheiro ou por ser bom de garfo e de copo. Ele fazia peixe ensopado como eu nunca havia comido, pois minha mãe não era muito de inventar na cozinha. Era cozinheira de receita sem se arriscar muito com temperos no que meu tio Lima era muito diferente.

Eu experimentei com meu tio Lima os sabores da cozinha e os carinhos através de abraços constantes que eram trocados quando estávamos pertos. Ele era de Salvador, na Bahia, onde trabalhou de cozinheiro para a Marinha daquele Estado. Morou um pouco no Rio de Janeiro e casou-se, pela segunda vez, com minha tia que era de Curitiba. A gente se via em datas especiais como páscoa ou festas de final de ano, sempre com muita festa, comida e cerveja de rótulo azul. A casa toda ficava feliz quando ele aparecia. Certa vez, comi rabanadas feitas por ele. Achei estranho aquele sabor todo de canela que nunca havia provado antes, mas como sou grata pela oportunidade de apreciar aquele perfume em minha boca pela primeira vez na vida. E a feijoada dele então? Era uma espécie de magia, pois ficava

cozinhando por dois dias, em fogo a lenha, no quintal de casa, dia e noite, verificando, de vez em quando, a lenha e a água. Dois dias depois, todas as carnes agregadas ao sabor do feijão ou, o feijão agregado aos sabores das carnes: FANTÁSTICO! Eles, os adultos mais meu tio Lima ficavam ali, naquela mesa, comendo a tarde inteira, bebendo aquele líquido amarelo de espuma densa e branca, que já havia provado sem entender como é que os adultos podiam tomar tal coisa amarga. Mal sabia eu que, mais tarde seria algo de muito gosto para mim, principalmente, quando experimentei a cerveja de trigo pela primeira vez. Fez-me lembrar do pão da mãe.



foto 3 Tio Lima.

Escolha Profissional

Até aqui não tinha sonhos, além o de ser bailarina. Ainda em São Paulo, ganhei um colã vermelho que não tirava do corpo e, sempre que chegava um amigo dos meus pais ou parentes, logo tratava de ficar na ponta do pé (sem sapatilhas ou proteções para os dedos), me exibindo com gestos de braços e pernas de uma bailarina. Para acompanhar o colã vermelho, uma meia calça grossa, branca, que minha madrinha havia me dado. Ficava dançando por horas mesmo sem música, mas não me lembro de ter verbalizado minha vontade de estudar balé, nem sabia que isso existia e que poderia dançar em uma escola e aprender mais. Não tive mais sonhos, tão fortes como este, para minha vida futura, apenas ia seguindo o que tinha de viver a cada dia.



Foto 4 Eu no escorregador do parquinho em ponta de pé.

Em uma biblioteca de alguma escola eu encontrei um poema que falava de uma bailarina que eu adorei desde o dia que o encontrei. O poema é de Cecília Meireles:



Quando voltamos a morar em Londrina, sofri muito. Entrei numa escola onde eu não conhecia ninguém. Uma escola muito grande tinha medo da loira do

banheiro, tinha medo das meninas mal-encaradas que eu tive de correr várias vezes na saída das aulas. Nunca soube o porquê da implicância delas comigo. Sei também que a escola nunca se meteu nessa história. Escondia-me entre os carros estacionados na rua do portão de saída e, logo, me danava a correr ladeira abaixo sem que elas me alcançassem. Não comentava na minha casa o episódio com medo de apanhar. Isso foi na sexta série.

Sétimo e oitavo anos se passaram sem muito o que pontuar aqui a não ser pelo fato de tomar uma suspensão das aulas de educação física pelo fato de “gritar histericamente com a professora”. Fiquei indignada com a suspensão. Acho que tanto tempo sem falar me fizeram algum mal. Foi preciso gritar “histericamente”. Deveria ter gritado dessa forma era com a professora de educação artística para que ela acordasse para nós, da sala, e parasse de folhear as revistinhas de cosméticos e pudesse enxergar meus desenhos de observação das samambaias penduradas na garagem da casa da minha vó. Mostrei meus desenhos para ela, ela viu, mas não olhou. Pediu para que eu voltasse para a carteira e fizesse o que ela tinha falado para fazer.

Os anos foram passando e já começava a me preocupar com a questão de trabalhar. Uma colega do oitavo ano dizia que iria fazer o propedêutico a noite e que pelas manhãs faria um curso profissionalizante de prótese ali mesmo no Colégio de Aplicação da U.E.L., foi quando pensei em fazer o 2º grau profissionalizante na escola perto de casa, o Instituto Estadual de Educação de Londrina, I. E. E. L., que também me pouparia tempo e dinheiro que não tinha. Depois de falado para meu pai e o convencido com meus argumentos de sair do colégio do centro para vir estudar magistério, na escola mais próxima, ele aprovou meu desejo.

Nesta escola, muito maior que todas as outras que eu já havia estudado, aprendi a matar aulas e ficar batendo papo, rindo muito com algumas colegas e que a sensação de liberdade, fora da sala de aula, dentro da escola, era maravilhosa. Aprendi a abraçar a professora Gumercinda de Metodologia de Educação Física que era abraçada por todas as alunas. Era uma gordinha, um pouco mais baixa que os meus um metro e meio, de cabelos loiros, lisos, curtinhos. Aprendi que era muito divertida uma sala só de mulheres e que as mulheres mais velhas que eu, que já eram casadas, poderiam ser muito generosas. Aprendi a fumar para encenar melhor um teatro sobre drogas, feito com muito realismo, só não sabíamos que o teatro era voltado para crianças do ensino infantil. Desse fato, rimos muito depois. A

professora estarecida assistindo a cena. Elogiou-nos, e no final da apresentação disse que era um teatro um pouco forte para crianças de educação infantil, mas iria valorizar e pontuar nosso esforço e dedicação.

Nos processos de estágio não tinha dificuldade para ater a atenção dos alunos e alunas no momento de proposição das minhas atividades planejadas para eles. Gostava de elaborar as atividades, gostava de estudar de pesquisar em livros e trazer imagens em livros ou no retroprojetor da época. Gostava muito de trabalhar com a integração das disciplinas e não sentia dificuldades nos planejamentos.

Justo nesta época sofri um duro golpe da vida, meu irmão mais novo com 12 anos faleceu, um acidente. Ele andava de bicicleta em uma grande descida e perdeu o controle da bicicleta ao bater em um carro parado. Bateu com violência a cabeça no chão. Ficou 3 dias na UTI e faleceu por traumatismo craniano. Fiquei um tempinho em casa, meio desmorteada, como todos por lá. Vi minha mãe envelhecer dez anos na minha frente. Aos poucos as coisas tinham que continuar o caminho.



Foto 5 Marcius com 7 anos de idade

Quando voltei para a escola e aos estágios, era impossível não encontrar alguma criança com os traços, as sardas ou aquele olhar de menino peralta pronto para se defender caso fosse acusado de algo, em alguns dos meninos das escolas que eu estagiava. Minha família foi se separando depois desse acontecido.

Meu pai foi embora de casa, meu irmão mais velho logo foi morar sozinho na mesma cidade ainda e minha irmã mais nova foi atrás de sua felicidade nos Estados Unidos ficando eu e minha mãe. Eu me sentia responsável pela minha mãe e não queria deixá-la sozinha e também não saberia para onde ir. Continuei os estudos e graças a estar cursando magistério, comecei a dar aulas numa escola de educação infantil: recreação para os meninos e balé para as meninas. Como eu era autodidata (as donas da escola não precisavam saber disso) e as minhas aulas faziam muito sucesso na escola, principalmente nas apresentações de final de ano, me sentia uma bailarina. Os pais e mães adoravam as apresentações e me convenciam de que eu era mesmo uma professora de balé. Continuei dando aulas em escolinhas infantis particulares, não mais como bailarina, mas como professora formada e pela paciência de uma colega da igreja, do grupo de jovens, que viria a se tornar uma grande amiga e confidente.

Adriana Cristina, que eu chamei carinhosamente, depois de um tempo de Drielen, foi quem me convidou para trabalhar com ela na escola. Não, ela não me convidou, foi forçada a ceder às minhas súplicas e aceitar-me depois de tanto enchê-la o saco após as missas de domingo à noite.

Na escolinha aprendi muito mais, com certeza, do que ensinei. Aprendi a lidar com meus sentimentos, aprendi a amar incondicionalmente aquelas criaturinhas, aprendi que essas mesmas criaturinhas poderiam ser muito perversas também.

Certa vez, um aluno de nome Rian, carinha de anjo estereotipada, colocou a culpa de algo que havia acontecido, no outro aluno, o Jair que era bem agitado, sempre aprontava e que tinha um olhar de que não entendia muito bem porque aprontava. Eu, lógico, logo acreditei em no Rian que logo acusava o Jair, que teimava, sem muito convencer-me, de que não havia sido ele. Levei os dois até Adriana, que gastou toda a sua paciência e também seu lado aconselhador, que eu gostava de pensar que era uma mágica de bruxa, para convencer a dupla que a verdade precisava ser dita ali. Não deu outra. O carinha de anjo estereotipada quis se aproveitar da má fama do aluno travesso. Coisas de crianças, adoráveis e inteligentes para safar-se de responsabilidades. Eu diria que: coisa de humanos. E eu me maravilhava de como a Adriana (ainda não Drielen) poderia ser tão sábia, tão sensível e tão sensata. Adorava seus predicados e desejava ser tão ponderada como ela, coisa que eu não era mesmo.

Assustei os muitos pequeninhos quando, brincando de massinha de modelar com meus alunos de cinco anos, fizemos unhas compridas e pontudas e grudamos em nossos dedos. Tivemos a ideia de ir brincar com os de um ano e meio para dois anos. Que ideia!

Quando chegamos à sala dos pequenos, houve primeiro um olhar de curiosidade de todos que se transformou logo em uma massa de choro. A professora teve que pedir ajuda para acalmarem todos por lá. A Adriana só me olhava com ar de muita raiva, sem acreditar na minha falta de sensibilidade. Eu não poderia imaginar todo aquele choro. Todos nós da sala estávamos muito felizes de poder interagir com os pequeninos, mas não foi da melhor forma. Quando penso em tudo aquilo, rio. Como pude? Adriana sempre no meu pé, num bom sentido. Acredito que passei da adolescência para a vida adulta muito com sua ajuda, mais com suas ternas correções ou com sua dureza de puxões de orelhas.



foto 6 Na Escola de Educação Infantil Pequenópolis, em Festa à Fantasia de dia das crianças.

Hoje, em 2016, a Drielen está morando em Rio Claro - SP e prestes a se mudar com as duas crianças e o marido, pedi a ela que contribuísse com seu olhar na minha história:

A minha paciência com vc foi pq vc era esforçada, verdadeira e tinha muito jeito para essa arte de ajudar os outros. No

começo bem atrapalhada, trocava os pés pelas mãos (é assim esse ditado?)kkk. Tinha que te colocar no trilho várias vezes, por ser muito intensa e inocente! Esse é o retrato do seu início, o que lembro do seu perfil de profissional!!

Sou grata por ter passado por essa escola. Grata também pela Cibeles que era professora comigo. Nos divertíamos muito no portão da escola aguardando os pais e as mães dos alunos e alunas. Riamos de situações que havia acontecido com ela, que sempre tinha algo hilário para contar ou com os olhares dos motoristas que passavam pela rua movimentada. Ela que me falou certo dia, sobre seu curso de Educação Artística, que estava fazendo na U.E. L. Só de ela dizer Educação Artística, já me veio à mente aquela professora desmotivadora. Cibeles, bem empolgada foi logo dizendo que Educação Artística era só um nome, que o curso era muito diferente das aulas que um dia tivemos. Ela dizia que tinha aula de cerâmica e que havia uma oficina para criarmos as peças em argila e que podia-se usar a oficina a qualquer hora, que sempre conversava com estudantes de outros outros cursos ou veteranos que estavam fazendo aulas de cerâmica no departamento de artes. Que havia aulas de fotografia e laboratório que usavam para revelar as fotos e que era toda escura, bem especial para não estragar as fotos e as montagens, manipulações que faziam e que, viajavam para São Paulo para ver obras de arte, mas que, quando havia conhecido Ouro Preto - MG, com aulas de história da arte brasileira, ela havia ficado maravilhada. Eu fiquei maravilhada ao perceber a esperança encher meu coração com toda aquela fala dela. Cibeles me trouxe boas novas, foi mais que qualquer presente material, foi vida. Me sentia muito agradecida por ela ter compartilhado comigo aquelas experiências.

Algumas vezes, com a turma da 7ª ou 8ª série, fui até a U.E.L e me pareceu assustadora: era enorme. Muitas construções e nada parecida com as escolas que já havia passado e conhecido. Uma vez fomos ao setor de morfologia. Tinha muitos fetos em vidros grande de conservas. Alguns bebezinhos eram bem pequenos outros grandes, quase não cabiam nos vidros. Havia um, o mais comentado entre nós, que tinha duas cabeças. Eu me assustava olhando tudo aquilo, mas o que mais me impressionava era como todos aqueles fetos chegaram até ali? E suas mães, elas sabiam que seus filhinhos estavam ali? Elas tinham morrido também? Nos chamaram para a aula, eu a chamei de técnica de confronto. Havia dois pulmões

em cima de uma mesa e um sujeito com pinças grandes a fim de mexer com o órgão e nos fazer ver bem de perto o que acontece com o nosso pulmão se decidirmos fumar um dia. Era ou não era uma psicologia do confronto?

Como disse, havia dois pulmões em cima da mesa que, o sujeito de jaleco branco dizia que estavam ali para podermos comparar o pulmão de quem fuma e de quem não fuma. Era um pulmão de uma pessoa com aproximadamente 40 anos e que havia fumado muito. Tinha muitas bolinhas escuras, naquele órgão que já era marrom-escuro, como bolinhas de bolor em um pão francês. Era rígido. O sujeito explicava que o pulmão é uma esponja, igual a esponja de lavar louça, que absorve a água, se fumássemos nossos pulmões ficariam rígidos o que causaria a falta de ar exatamente por não fazer mais o movimento da esponja. Alguém perguntou de quem era aquele pulmão e o sujeito de jaleco branco respondeu que as pessoas que morrem nas ruas ou nos hospitais que não têm nenhuma forma de identificação por documentos ou por outras pessoas, vão para o I.M.L. Lá, esses corpos ficam por 30 dias para o reconhecimento de famílias que porventura perderam seus familiares e que, depois desses 30 dias os corpos eram doados para o setor de biológicas da universidade. Disse também que uma vez ao ano é realizada uma missa pelos corpos indigentes que iam parar ali e que eram usados para estudos.

Assim que acabamos essa aula, fomos passando por outras salas, todas com um cheiro muito forte, era formol. Vi pelo lado de fora de uma das salas, em uma caixa d'água cheia de formol, uma patinha de cachorro, ela estava esticada e parecia bem rígida e a professora falou que era para os estudos de veterinária. Só aquele setor cheio de salas entre ruas e estacionamentos mais outras salas ruas e estacionamentos dava quatro quarteirões de casa e eu só ficava me perguntando: onde estão os muros? Assim como quando fui nada pela primeira vez no mar me perguntei: onde estavam as bordas? Era tudo desprotegido, assustador e ao mesmo tempo fascinante, as duas coisas, a falta de muros ou bordas. Eu ainda imaginava como seria aquilo tudo a noite e o meu pavor crescia pois nunca havia estudado a noite e não poderia me dar ao luxo de estudar pela manhã, uma vez que tinha que trabalhar para pagar meus gastos.

Ao terminar os estudos do 2º grau da época prestei concurso vestibular, mas não tinha certeza se queria passar no curso de Veterinária. Todas falavam no último ano do magistério sobre fazer uma faculdade. Fiz o concurso para não passar. Outros concursos de vestibular vieram, se passasse faria os estudos na faculdade

se não passasse minha vida continuaria, mas tudo mudou depois de minha conversa com Cibele no portão da escola. Fiquei muito feliz com a descoberta e tudo aquilo me parecia muito bom.

Fiz cursinho pré-vestibular, um que estava recém-abrindo em Londrina e meu pai foi negociar com o dono da escola e meu pai me deu de presente 6 meses de curso para o vestibular da UEL. Estudando a noite no cursinho, nem percebi que meu medo da UEL “noturna” desapareceu, não pensava mais nesse medo e sim no desejo de aprender todas aquelas coisas que a Cibele havia dito com tanta paixão.

No dia de divulgação da lista dos aprovados do vestibular da UEL de Janeiro de 2001, na primeira chamada, fui com algumas amigas até a Concha Acústica, centro de Londrina e em frente ao Jornal Folha de Londrina de onde jogavam a listagem para que pudéssemos conferir os nomes dos aprovados. Meu nome estava entre os 10 nomes dos que passaram. Fiquei muitíssimo feliz e ao mesmo tempo eu achava que pudesse ser um erro. Por um minuto fiquei pensando se existiriam duas Samiras Padilhas Xaviers! Uma confusão imensa. Eu e minhas amigas, no meio de uma grande euforia de todos e todas, naquele local, nos apertando para pegar uma das listagens e assim que vi meu nome essa grande confusão me veio à cabeça. Minha amiga olhou-me e deu um sorriso dizendo: “Tá loca? Claro que é você.” Recobrei os pés no chão e comecei a pular e sorrir. Uma das meninas havia feito vestibular e passado para música, nos abraçamos. Logo ovos começaram a ser esmagados em nossas cabeças. Em pouco tempo já tinha um cheiro forte de ovo cru naquele lugar e uma fumaça de farinha de trigo. Todos e todas que passaram no vestibular eram felicitados e se percebia logo, pela cara de decepção, quem não havia passado. Ao perceber isso eu me constrangi um pouco e só pensava em ir até a capelinha do Colégio Mãe de Deus, do movimento de Shoenstatt para agradecer aquela vitória. Foi o caminho de volta para casa mais feliz da minha vida.

14004 TIAO GUEIRA D SILVA

OPÇÃO: EDUCAÇÃO ARTÍSTICA - NOTURNO

INSCR NOME

14153 ANANIAS FRANCISCO DOS SANTO

14089 CRISTIANE DELEGA DA SILVA

14123 JULIANO RODRIGUES CARVALHO

14121 NATACHA LABASTIA

14096 REGINALDO RAMOS

14213 SAMIRA PADILHA XAVIER

14186 VAGNER JOSE DE CARVALHO

14088 VITOR HUGO R DR GUES

14198 VIVIANE MASCARENHAS ALMEIDA

14154 WAGNER M MILLEO DE CASTRO

Foto 6 Listagem dos aprovados no vestibular UEL inverno de 2000.



Foto 7 Na Concha Acústica melecada de ovos, fedida e feliz da vida

Nossa primeira noite de aula na UEL foi na sala de cerâmica com uma professora de estilo alemão, bem branca, alta, meio cheinha mas no ponto para a idade que aparentava. Ela falou com voz segura, nada amistosa, sem esboçar um sorriso e um tanto quanto arrogante devido a tantos anos que passara se dedicando às aulas de cerâmica na instituição e nos falando de seu curriculum de artista com exposições dentro e fora do Brasil. Achava tudo aquilo bem bom mas não via a hora de pôr a mão na massa. Tínhamos uma máquina que processava a argila e de dentro dela saía a argila amassada e bem condensada para começarmos a prepará-la para o trabalho. O som da sala era de massa dura sendo jogada com força em mesa de madeira que ao atingir a base da mesa quicava os pés no chão e produzia outro barulho. Era uma festa. A professora, de voz segura, depois de muito falar sobre a questão do chumbo presente na argila e em seu corpo, das maneiras e cuidados para deixar as peças secarem e enfim a queima, pediu para que criássemos uma estrutura. Fiz muitos quadradinhos, maneira de dizer porque eram retângulozinhos, fechando um círculo com o espaço de mais um retângulo entre eles e comecei a fazer andares. A estrutura foi crescendo com os retângulozinhos de argila molhada. Uma estrutura pesada que, a certa altura começou a amassar os retângulozinhos debaixo. Cada um fez o seu e foi ótimo sentir e sujar as mãos com aquela terra marrom escura. No término da aula, para sua avaliação, a professora disse que estava surpresa com o que estava vendo e não tinha visto antes uma turma com tantas pessoas “inteligentes”, e que ousava dizer que essa seria a melhor turma desde quando ela atua na instituição. Achei que era um elogio e pensei que eu ia ter que correr atrás para sustentar a sua surpresa e também pensava que estava realizando um sonho e essa sensação era de puro êxtase.

Logo que ingressei no curso de Artes, consegui emprego numa escola particular para dar aulas algumas vezes por semana, na parte da tarde. A escola possuía material didático e nesta escola fiquei pelos dois primeiros anos do curso na UEL. Aprendi muito com minha coordenadora que era professora há muito mais tempo que eu, tinha diplomacia em sua fala e tinha ideias maravilhosas para as artes desta escola. Além das salas com os estudantes de 1º ao 5º ano fazíamos alguns projetos como os outdoors espalhados pela cidade ao final do ano que tinha trabalhos dos estudantes que produziram imensas obras de recorte e colagens com papéis de antigas campanhas de propagandas. Foram releituras das obras de Miró. O resultado foi uma grande exposição ao ar livre. Lindo! Descobri a Arte Educação

como ferramenta de transformação de pessoas e, por meio desta escola foi me apresentado o prof. José Pacheco as donas da escola juntamente com a pedagoga foram até a Escola da Ponte saber como acontecia a educação por lá. Voltaram só contando coisas boas. Era uma espécie de motivação profissional, pois nada de fato mudou na escola ou as aulas. Só de saber que uma escola diferente existia já me trazia curiosidade e alguma fé na escola, e as atividades, por lá, continuavam. Produzimos um grande mural de azulejos com desenhos produzidos pelos próprios alunos e alunas com tinta de cerâmica, finos pincéis e cotonetes nos mirando nos desenhos rupestres e suas imagens do que viam há tempos atrás e do que vemos na contemporaneidade. Foi ótima experiência, minuciosa, delicada e com resultados maravilhosos. Era muito bom ver as crianças se reconhecerem nos trabalhos, reconhecerem os outros e desenvolverem o gosto pela arte através das conversas que tinham. O painel de azulejo foi montado no corredor de ligação dos dois prédios desta escola. Era passagem obrigatória e um caminho cheio de energia boa.

As aulas continuavam maravilhosas na UEL e eu feliz da vida por não precisar ter aulas de matemática. Esse pensamento era o cúmulo do prazer para mim. Nunca fui boa nas resoluções de problemas matemáticos ou no uso de fórmulas e não as estudar mais na universidade me fazia muito feliz. Logicamente que nas aulas de escultura e estética desenvolvia a matemática. Ela estava muito presente nas artes, mas não daquele jeito chato e incompreensível nas aulas do fundamental ou médio.

Lembro que fiz um trabalho com as vagens secas do flamboiant, sugestão do prof. Piau. Montei como que um trilho de trem com as vagens secas e as uni com parafusos, porcas e arruelas. Tive que calcular o tamanho que seria a obra, quanto de material que precisaria na montagem desta obra e tantos outros cálculos ainda tiveram que ser resolvidos. Montamos a estrutura como um trilho de trem numa área de bosque, atrás de departamento de Artes. Era como se fosse um caminho com direito a looping como aqueles da montanha-russa do parque de diversão. A ideia era dar outro destino a vagem seca, naquele momento, alongar sua vida por meio da arte e para as pessoas que passassem pelo local e logicamente que muitas pessoas tiveram que me ajudar e trepar nas árvores para que o projeto fosse, enfim, realizado. Eu gostei muito do resultado.

Passava mais tempo na UEL que somente nas aulas, uma vez que o trabalho na escola particular eram dois dias da semana e era muito bom. Como sempre fui muito tímida e de poucas conversas estava no meio de pessoas que eram

descomplicadas de lidar, a meu ver. Sem necessidade de aparência física luxuosa, que não se confunda com desleixo. Eram pessoas muito vaidosas com a aparência, porém de uma maneira fora dos padrões e eu adorava essa liberdade. Eu não era padrão de vestimenta. Adorava um pé no chão e me achava meio riponga.

Passava as tardes, que tinha livre, na oficina de cerâmica e marombava o barro e brincava ali criando obras e utilizando das técnicas que aprendia nas aulas. Os veteranos e veteranas estavam sempre por lá, também. Levavam rádio. Conversavam sobre tudo e davam risadas. Eu ria junto.

Tínhamos que fazer muitas horas de estágios dentro de sala de aula ou em projetos e fui integrada na equipe do Hospital de Clínicas da UEL que desenvolvia o projeto Brinque-Hospital com recreação para as crianças que eram Soro Positivas em tratamento. Elas vinham acompanhadas por um adulto e ficavam muito tempo na recepção até serem atendidas. Algumas os pais já haviam morrido. As crianças tinham um olhar de medo, mas assim que as atividades começavam o olhar se transformava. Fazia desenho com elas, contávamos história, teatro com fantoches, tudo sempre com muito cuidado pela frágil saúde das crianças. Então, os cabelos tinham que ser presos, nada de brincos ou anéis e sempre ao final das atividades eu conversava com a psicóloga que me ajudava a lidar com tudo aquilo dentro de mim e com a logísticas de materiais e atividades com as crianças.

A Patricia era a maiorzinha de 8 para 9 anos com olhar doce, cabelos sempre amarrados, encaracolados, abaixo dos ombros. Tinha vários irmãos que não sei precisar no momento e ela sempre estava pronta a me ajudar com as atividades. Gostava de contar histórias e de ser elogiada quanto a seus desenhos. Ela me abraçava bem forte e sorria quando nos despedíamos. A realidade das vidas das crianças que eram atendidas ali era bem dura e por vezes as histórias deles e delas me faziam chorar no ônibus voltando para casa. Sentia que eu precisava tornar aquele momento que estavam comigo de alegria, carinho e conforto. Um ano de projeto e já havia feito as 300 e poucas horas que eu tinha que fazer. Continuei atuando no Brinque-Hospital como voluntária, mas a Patrícia não apareceu uma manhã. Fizemos a atividade de recreação artística com as crianças que na recepção estavam. No momento de conversa com a psicóloga, com um olhar de extremo cuidado e ternura, me disse que a Patrícia havia falecido. Ela havia ficado muito, muito doente e não respondia aos medicamentos e que isso tinha sido muito rápido. Eu chorei com ela que se emocionou também. Naquele momento ela falou que eu

estava livre para fazer o que quisesse e que as crianças ficariam bem e que já viriam novos estudantes de teatro para o Projeto. Fiquei bem. Dei um forte abraço na psicóloga e fui para casa. Não sentia que estava desistindo, sentia que tinha feito meu trabalho e que ele havia encerrado ali. Me deu saudade da Patrícia.

Dois anos depois de iniciado o curso de Artes e de trabalho na escola particular decidi que queria ficar mais dentro da UEL. Comecei a cantar no Coro do Campus, UEL com a minha queridíssima professora, contralto, arte-educadora, maravilhosa Maria Irene onde nos encontrávamos 3 vezes por semana no horário de almoço já que a maioria das pessoas que faziam parte do coro era de funcionário UEL, e foi outro encantamento em minha vida. Essa coisa de abrir a boca era muito difícil para mim, mas o resultado do conjunto era lindo. Cantávamos de Roupas Nova a Lupicínio Rodrigues e, até turnê fizemos cantando em igrejas, faculdades e teatros em Mafra, Lapa, Rio Negro e Siqueira Campos. Foi muito bom pelas amizades que fiz e pelos conhecimentos em música que conquistei com os excelentíssimos professores engajados nesse projeto. Isto se reflete até hoje nas aulas de artes que proponho.

Em meio à cantoria no coral e as aulas do curso de artes, comecei a trabalhar com crianças e adolescentes em conflito com a lei, pelo convite de uma amiga que acredita na arte como meio de transformação de pessoas. O Projeto Murialdo, trabalhava para fazer cumprir a Medida Socioeducativa que o Juiz dava a eles (em sua maioria, meninos). Havia a Medida de Liberdade Assistida de 6 meses no mínimo para aqueles que, após cumprido internamento ou crime considerados graves, precisavam ser acompanhados pelas Assistentes Sociais que articulavam encontros em grupos, por bairros diferentes por causa das rivalidades. A Medida de Prestação de Serviço à Comunidade para que o adolescente tivesse a oportunidade de ressarcir um dano causado e que eu era responsável por ser a intermediadora para a execução de um projeto que beneficiasse o entorno da Sede do Projeto Murialdo que era rodeado por casas de apoio a pessoas que faziam tratamento de câncer no hospital que ficava logo ali na esquina.

Um grupo era reunido de manhã e outro à tarde e nos encontrávamos uma vez por semana. Íamos até as casas que abrigavam essas pessoas e conversávamos com as pessoas que geralmente faziam radioterapia pela manhã e ficavam ociosas na parte da tarde ou o contrário e então perguntávamos para a pessoa que administrava o local e para as pessoas que ali ficavam como é que

poderíamos ajudar. Os adolescentes eram bem retraídos nessas primeiras visitas. Somente os administradores dos locais sabiam quem eram aqueles adolescentes e não viam mal algum no Projeto. Fizemos artesanato com jornais criando cestarias, fizemos hortas para umas das casas de repouso, fizemos um dia de recreação para uma creche ali perto e fizemos mosaico com restos de azulejos para as paredes do parque desta creche. Certa vez, uma das assistentes sociais pediu para que eu fizesse algumas perguntas para os meninos para que respondessem por escrito no final de sua Prestação de Serviço, no caso do trabalho do Mosaico e foi uma surpresa a analogia que este menino fez a respeito dos cacos de azulejos que se juntam para formar uma nova imagem.

Nas aulas de artes ouvi muito sobre a arte educação e como ela pode ser motivadora para sensibilizar as pessoas e isso ia me encantando. Através do trabalho no Projeto Murialdo, eu de fato compreendi o que a arte educação pode motivar, tocar, sensibilizar, transformar. Era preciso apenas ser ponte para que os meninos se reinventassem.

Por ser um ambiente em constante conflito pela rivalidade criada entre os meninos e os bairros que moravam, tivemos que esconder alguns meninos por algumas vezes para que não houvesse o confronto e por vezes um menino era morto o que nos abalava profundamente. A tensão do dia todo era razão das minhas crises de bruxismo ao dormir. Depois de 6 meses achei que era hora de me dedicar exclusivamente ao curso de artes mergulhar em projetos de estudos de preferência com bolsas ou pelo menos contando horas ou como experiência. Como um namoro eu precisava conhecer mais as possibilidades do curso e da UEL.

Com a Professora Maria Irene tive muitos momentos bons: tanto de puxões de orelha como de grandes risadas e mais ainda de aprendizados sobre arte. Passamos muito tempo juntas quando fizemos parte da equipe de registro do evento do SEURS. Trabalhamos registrando, com o olhar artístico, tudo o que acontecia nesse evento. Foi muito cansativo, mas o que eu aprendi com a filmadora, enquadramentos, nitidez com luz e foco, e os amigos que fiz levo pra vida toda. A maneira séria que levava os assuntos, equilibrando com suavidade e com grande paixão tornava as atividades bem fáceis de serem executadas. Me apresentou a Ana Mae Barbosa e a sua metodologia triangular no ensino de arte que consiste em contextualizar historicamente, fazer artístico e apreciação artística. Me apresentou ainda Anamélia Bueno Buoro que pesquisa sobre a arte educação e sobre os

professores da área, Fernando Hernández e tantos outros que contribuem para a melhoria da educação em arte no país. Fizemos um vínculo que me faz muito bem lembrar. Convidei-a para fazer parte da minha banca de análise de TCC, acompanhando o professor Danillo Villa que fez grande diferença na minha vida profissional e a pessoa que sou hoje, acredito que um pouco melhor.

Esse professor não tinha como ser superficial em sua companhia. Eu tinha desejo que ele ficasse para sempre dentro de mim. Acho que por isso o convidei para ser meu mediador no TCC, mas pelo fato de tê-lo conhecido por ouvir falar pois durante meu curso ele estava afastado para o mestrado e ele me aceitou. Ele era muito humano nos ponderamentos que fazia com meu trabalho e me fez descobrir Mira Schendel¹ e uma obra² de Rembrandt que juro que era eu em outras vidas.

Quando, por motivo do TCC em artes, fui pesquisar as obras de Mira Schendel, eu me descobri em suas linhas suaves delicadas e com força sem igual pois eram feitos em papel arroz que é muito fininho. E mesmo sendo uma linha, curta por vezes, a impressão que eu tinha era que aquela linha havia demorado muito tempo para ser feita naquele papel. Não era apenas uma linha e pronto. Era delicadeza e força combinados, em equilíbrio. Descobri o quanto gosto de linhas e o quanto tudo o que fazia e admirava em uma obra de arte tinha haver com linhas. Passei a me reconhecer. Olhar os galhos de árvores, os fios de energia elétrica nos postes e seus emaranhados, suas confusões me faziam rir.

Na obra *Banhista*³³ de Rembrandt, me vi em algumas vidas passadas e as palavras que seguem são minhas, em análise muito romântica, desta obra que mais me parecia uma foto minha tirada por alguém que me cuidava ao tomar meu banho:

¹ Pouco se conhece da sua vida antes da sua chegada ao Brasil. Nascida em Zurique, na Suíça, em 7 de junho de 1919, fugiu das perseguições nazistas, casou-se na Iugoslávia. O casal viveu em Roma de 1946 a 1949, quando obteve permissão para emigrar para o Brasil. Tinha um forte gosto pela filosofia que, se fez refletir sobre sua obra. Desembarcou, aos trinta anos, em Porto Alegre.

Trabalhou em tipografias e no isolamento, um momento no qual sua vocação artística, antes cerceada pelos percalços da guerra, já não se pôde mais conter. Mira participou da I Bienal de São Paulo e sobre isto ela diz: "Mande trabalhos para a I Bienal de São Paulo. Tive essa coragem. Coragem da juventude, da loucura. Fui aceita" (*Espaços da arte brasileira/ MIRA SCHENDEL, 1919-1988, p. 15*).

² Rembrandt Harmens van Rijn, nasceu em 1606, nas então, Províncias Unidas, Holanda, que três anos mais tarde se tornariam liberta da coroa espanhola. Este fato se torna importante para entender como se daria a vida de Rembrandt: famoso e rico aos trinta anos, morreu incompreendido e na miséria aos 63.

³ Aos quarenta anos, o artista contrata uma segunda governanta para Tito, seu filho. Hendrickje Stoffels tinha apenas quinze anos quando entrou na casa de Rembrandt, para se transformar na companheira de sua vida. O quadro *A Banihista*, de 1655, que tem Hendrickje como modelo que morre em 1663.

Citei este quadro de nu, pois é sua forma que me interessa. Este trabalho tocou-me profundamente. A sedução do momento, o gesto da modelo e do pintor. Os elementos que compõem o conjunto da obra: Corpo, água, linhas, sedução da pouca luz, movimento.

Elementos que fazem parte do que escolhi para apresentar como Trabalho de Conclusão de Curso. As coxas grossas, cabelos avermelhados, a ânsia de alcançar a água se assemelhavam ao trabalho produzido e então me percebi dentro do quadro.

A presença da água que por um capricho do artista não abraça o corpo, mas ao olhar para a água a modelo transfere ao observador o desejo de se jogar nos braços desta e permitir que toque todo seu corpo, senti-la por toda sua pele é a sua busca. Esta doce cena é envolta de penumbra que num olhar mais cuidadoso, chega-se a ouvir uma suave música ao fundo. Pureza e sensualidade se confundem num convite ao observador a despertar a verdadeira consciência do sentir, convida a estar presente com todo o ser para olhar, ouvir, toca, sentir e por que não perceber os aromas deste delicado momento. A delicadeza de subir a roupa de banho, as pernas entre abertas como num passo e o rosto sedento pelo abraço da água, o colo que vela e desvela, sensualidade que é vislumbrada.



Mergulhar é chegar bem ao fundo e deixar ser tomada, possuída é a permissão de relação. Sensações que se tornam possíveis através da pele.

A pele torna possível o sentir através do tocar e na melhor maneira de concretizar esta busca. Jeudy em seu livro “O Corpo como Obra de Arte”, diz sobre a pele na pintura:

“Dar à tinta da pele a riqueza de suas nuances parece sempre impossível, pois esta nos separa da representação do corpo no momento em que experimentamos sua textura, de modo visual ou tátil. Toda representação corporal é por um instante suspensa pelo ato de ver ou de tocar as pequenas saliências dérmicas...para se

tornar uma superfície com relevo próprio separando-se da forma. (p. 84)”

E Danillo me fez olhar para o corpo como fonte de prazer instituída possível e não aquilo que até então eu havia sublimado por minha educação religiosa.

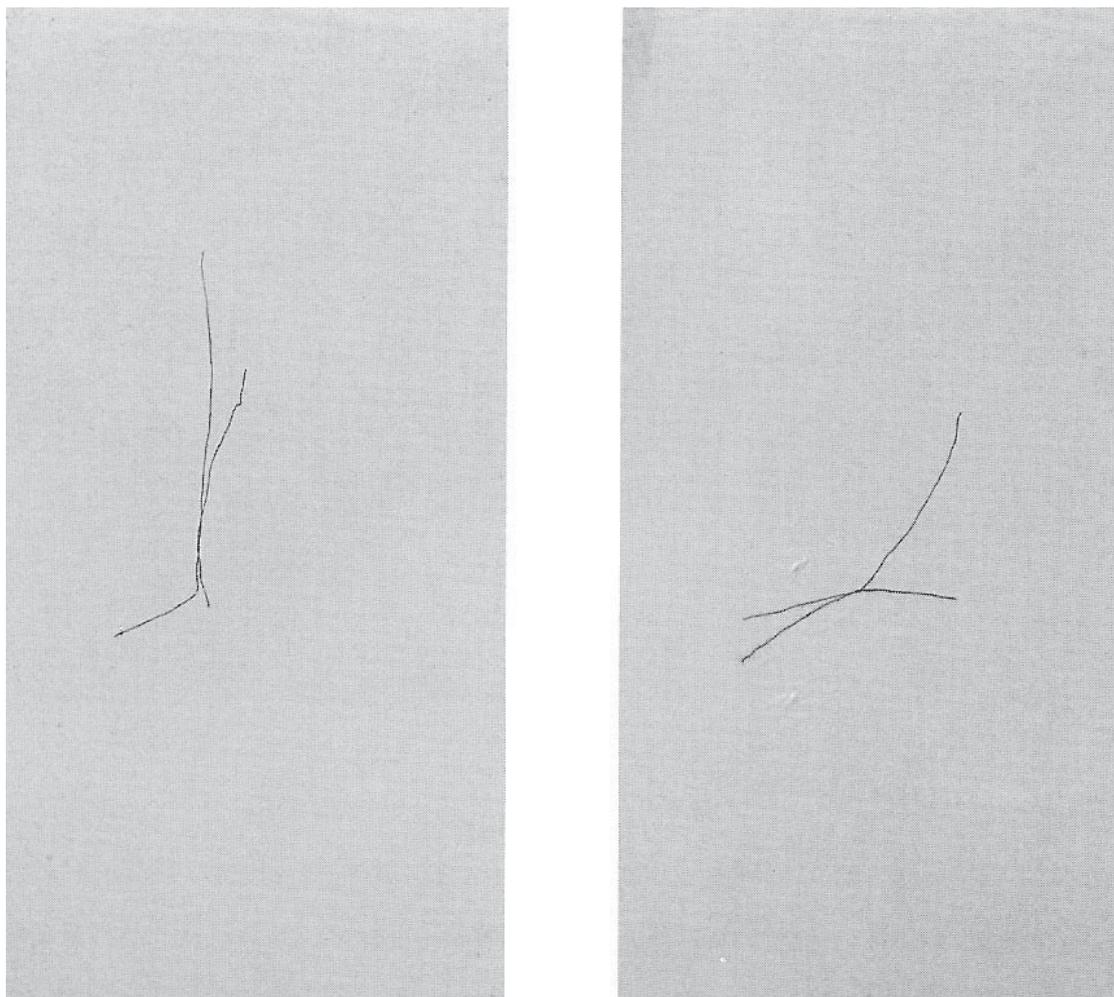
As nossas conversas para estudos do trabalho de conclusão eram muito apaixonantes e ele realmente acreditava no que eu estava fazendo. Danillo realmente me dava valor e eu fui motivada por esse valor que ele me fazia acreditar e que eu realmente poderia escrever sobre o que eu quisesse até sobre as linhas dos desenhos de observação das samambaias da minha avó.

Linhas pelas quais já era apaixonada e que escancaram em mim através dos meus olhares ao meu redor dos galhos das árvores, das raízes do flamboyant, de algumas rachaduras, de arames deixados na rua que eu encontrava e destes trabalhos de Mira Schendel que comparei com A Banhista de Rembrandt:

A linha que desaparece, aos olhos, nos desenhos de Rembrandt, surge nos trabalhos de Mira Schendel como se nascesse de dentro do papel. Nestas produções utiliza papel-arroz japonês ultrafino o que dá a sensação de que as linhas nascem do papel, “sem que o movimento externo a conduzisse” é o desejo de estar ali. Em alguns desenhos, o gesto pode ser rápido, em outros mais lentos o que expõe a gestualidade, a espontaneidade do traço que foi exercida à exaustão. Liberdade e delicadeza do gesto, características fundamentais de sua plástica: “Dou a maior importância que seja assim manual, que seja artesanal, que seja evidenciada. Que saia assim da barriga. Deve brotar da ‘barriga’ e não simplesmente da mão” (p.27).

A linha de Mira muito me instigou. A economia de recursos e do gesto, o aspecto corpóreo e sensorial que provoca o desejo de tocar. O espaço vazio é potencializado e a linha, na maioria das vezes, apenas estimula o vazio: “O vazio que evoca o absoluto, o tempo eterno, contrasta com a efemeridade do gesto inacabado” (p.29).

Assim as linhas desta série, desejam continuar o percurso mesmo que somente na imaginação do observador.



Uma forma de fazer Danillo permanecer um pouco mais em minha história viva era continuar como voluntária depois de me formar dentro do Projeto que ele tocava na UEL, e assim foi feito.

Nas reuniões do Projeto Mural que ele era coordenador, entrei um ano antes de me formar e foi extraordinária a experiência. O Projeto era um grupo de pessoas que se reuniam para pensar, projetar e executar desenhos em grandes paredes de quem conseguíssemos que nos aceitasse. O trabalho ganhou visibilidade pelas flores projetadas nas casas que iam se erguendo no bairro que antecedia a entrada da Universidade. Grandes flores foram nascendo nas paredes das casas. Paredes que eram até negligenciadas pelos moradores, se tornavam um grande jardim de concreto. Muito sol na cabeça, sobe e desce de escada, fome e sede, até assaltados nós fomos por dois adolescentes armados que foram logo pegos por policiais que passavam por ali e graças ao Danillo estar em cima da escada e o adolescente não o revistou e nem seu celular tocou na hora. Eles fugiram e o professor, então, usou o

celular para ligar para a polícia. Tenso. Voltamos a casa para terminar a tal flor de batata que estávamos fazendo, rimos.





Junto ao Projeto Mural e, também, um ano antes de me formar, fazia parte de um outro projeto que atuava com professores das séries iniciais da prefeitura de Londrina. Essas professoras já davam aula de artes, porém, não tinham licenciatura para isto, o que fazíamos era proporcionar a elas momento de fazer artístico em cerâmica, fotografia, gravura e desenho com apreciações e contextualizações sobre a arte. Eram trocas muito saborosas pelas suas vivências e pela sede de aprender

novas técnicas e atividades para serem realizadas com os alunos. Deste projeto, o Arte na Escola, juntamente com o professor Renan fizemos muitas leituras sobre o aspecto humanístico do fazer arte o que contribuiu no meu interesse sobre arte educação. Gosto muito de trabalhar com a formação de professores. Gosto das trocas e de aprender quando me preparo para aula e quando os estudantes dizem seus pontos de vista.

E depois de um pouco mais de vinte anos de caminhada, me vi desestimulada, sem fé e com vontade de mudar. Iniciei o curso de cozinheiro em 2014 pelo Senac. Foi um ano de curso que me dava motivo para acordar cedo e continuar caminhando.

No Cozinheiro revivi momentos da minha infância com meu maravilhoso Tio Lima. Descobri as ciências para o pão da minha mãe ser tão bom e, o gosto de fazer algo que se goste mais uma vez. Minhas referências sobre a comida são muito carinhosas e sempre que cozinhei para alguém foi para mostrá-la o quanto a queria/quero bem. Um ano depois vim a conhecer Babette personagem do filme “ A festa de Babette” que meu professor Valdo indicou que assistisse e que me estimulou muito a pensar que podemos amar as pessoas por meio do ato de cozinhar. Mas até chegar a Babette e o professor Valdo, preciso antes falar do curso de pós-graduação que me candidatei, passei, estou fazendo e é motivo desta monografia.

Quando iniciou o curso em Questão Social pela UFPR – Litoral, iniciou também a greve dos professores estaduais do Paraná. Eu que nunca havia participado de uma greve desde ter entrado para o Quadro Próprio de Magistério em escolas estaduais no ano de 2007, no Litoral do Paraná e morando em Matinhos, me empenhei em chamar os colegas da profissão para as manifestações e passeatas pela cidade, para juntos lutarmos por uma injustiça que o governador do Paraná, em 2015, quis acometer todos os professores para que fosse sanadas dívidas de seu governo para com os próprios professores e funcionários judiciário (por enquanto é o que sabemos).

Fazíamos cartazes, pedíamos ajuda para a população, para o prefeito e vereadores. Foram três meses de incertezas, de desalento e de humilhação.

No dia que fui dormir no acampamento na praça Nossa Senhora de Salette no centro cívico de Curitiba, pude provar do sabor amargo e triste de uma política elitista e bárbara como é a política de direita. Eram muitas barracas, muitas barracas

que ficavam envolta do Q. G. do Sindicato dos Professores e era uma energia de luta ao mesmo tempo que contrastava com o silêncio de preocupação que só era quebrado pelos gritos de “vendido” ou de “canalha” seguido por vaias nossas quando avistavam um ou outro deputado no estacionamento, rodeado por seguranças. Foram dias que percebi que eu estava desacreditada e que não iria suportar. Queria estar em sala de aula e não acreditava que o governador do Estado poderia ser tão prejudicial. As aulas da pós me ajudaram a caminhar nesse momento e especialmente com as aulas da Professora Lenir que, me deram forças e direção na luta.

Quando, nas aulas dos pós, a professora Lenir nos contava de sua vida pessoal de luta estimulada pela força de seu pai e o desejo de ser livre, me trazia ânimo e as trocas que tínhamos com a liberdade de poder ser ouvida e conduzida tornava a caminhada menos dolorida. Além dos textos, como o de Celso dos S. Vasconcelos sobre a Metodologia em Sala de Aula que, com a leitura deste texto, me revi em minhas séries iniciais até o magistério, principalmente nas aulas de matemática, quando Vasconcelos pontua sobre a aula expositiva:

“... ou seja, de modo geral, o professor não está interessado na dúvida, a tendência é o professor atribuí-la a problemas do aluno, quando não sentir-se ofendido em sua capacidade de explicar. Se explica novamente, o faz da mesma forma, apenas repetindo.”

Em meio aos estudos sobre a Metodologia Dialética em Sala de Aula para a mobilização, construção e elaboração da síntese do conhecimento, lembro-me de uma das aulas eu ter falado sobre a dificuldade que era de ficar na espera pelo término da greve, ou seja, que o governador não retirasse nosso direito, direitos conquistados e do quanto era agonia só. Professora Lenir falou para que eu procurasse os meus pares, as pessoas que pensavam como eu, assim seria forte e compartilharíamos das nossas angústias e não iríamos nos sentir sozinhos. Isso foi como uma lâmpada que se acende num cômodo à noite e foi o que resolveu minhas angústias durante o período de greve. Sabia que eu não era a única sentindo ansiedade, humilhação e que iríamos lutar juntos. Agradeço muitíssimo a Professora Lenir por todas as ajudas como ser humano e como profissional, porém, quando houve o massacre dos professores no dia 29 de abril de 2015 todas as minhas forças se esvaíram.

Olhava pela televisão tudo aquilo acontecendo e chorava muito. Vários telefonemas de pessoas queridas para saberem se eu estava bem e acabavam chorando comigo por tudo que viam na televisão. Eu me culpava por não estar lá, mas no outro dia com os relatos dos amigos que estavam naquele massacre, sei que para mim foi melhor ter ficado. Pelo medo que passaram por ter os helicópteros tão perto de suas cabeças no acampamento, pelos barulhos das bombas e os cheiros, pelos gritos de desesperos e pedidos de ajuda relatados, no outro dia, sei que em casa, sozinha, poderia enlouquecer se estivesse estado lá no dia do massacre.

As aulas nas escolas estaduais voltaram, ou melhor, iniciou-se o ano letivo de 2015. Saímos da greve unidos, humilhados, porém unidos e com a nítida impressão do vilão que está no governo do nosso Estado e toda a sociedade era solidário conosco, porém nossa pressão não fez o governador recuar. Restava juntar os cacos e ir para sala de aula.

Dessa experiência voltei para a sala de aula muito triste e com raiva provocada pela situação e essa raiva toda se refletiu em minhas aulas e isso não foi nada bom nem para mim nem para os estudantes que estava por perto de mim e não tinham escolhas.

Lembro-me de ter sido uma pessoa muito amarga em sala de aula. Não sorria, não plantava a curiosidade. Colhia o olhar de medo e de insegurança nos estudantes. Tive que me afastar um pouco da pós-graduação por causa das reposições das aulas não realizadas por ocasião da greve e esse foi um golpe bem difícil de absorver. Sinto que as aulas de sábado da pós me traziam alento, confiança, esperança. Saia das aulas de sábado na UFPR – Litoral, animada e fortalecida para semana que vinha, quando estávamos em greve. Me ausentar das aulas certamente me trouxe um grão a mais de insatisfação profissional e pessoal até que, certa tarde, na última aula desta tarde, na sala de aulas do 5º ano do fundamental, no Colégio Gabriel de Lara, centro de Matinhos, me peguei com dificuldades de respirar. Me lembrei da natação e fui praticando aquela respiração calma e profunda e o mal-estar passou sem que ninguém percebesse. Minha preocupação era de proteger aqueles pequenos e pequenas por isso respirava e logo os batimentos cardíacos voltaram ao normal. Isso foi se repetindo mais algumas vezes, somente nesta escola no ano de 2015 e sempre que eu conseguia, vez ou outra, corria até a UFPR. Às vezes quase na saída da turma para o almoço,

outras vezes quase no término do dia de aula e lógico, arrasada por aquilo que havia perdido.

Eu conversava com algumas colegas de trabalho que me aconselhavam a procurar ajuda, mas eu gostaria de não precisar tomar remédios e tentava não olhar muito para esse problema por que só queria ver o fim do ano chegar, afinal foram quase de 60 dias para repor aulas aos sábados, feriados, férias e recessos. Muito cansativo e sem inspiração para alguma aula motivante, ou alegre, ou feliz.

Tentei ajuda no final deste ano. Remédio de difícil adaptação. Algumas crises no meio das aulas das manhãs. Conversei com meus alunos e alunas sobre o que estava sentindo e pedi a compreensão deles principalmente com relação à intensidade da voz que cada um usava para conversar.

Em 2016, a última crise de pânico, no meio da manhã, justamente na sala dos “terríveis”. Todos os professores reclamavam do 8ºC pela indisciplina. Eu até briguei um pouco com a turma no início do ano letivo, mas por causa desta última crise eu chorei em sala. Disse a eles que eu estava em tratamento porque não estava conseguindo ser a pessoa que eu era e também não estava mais feliz fazendo a coisa que mais amo fazer na minha vida que é dar aulas de artes para adolescentes. Que eles e elas tivessem paciência comigo, que iria passar, que o tratamento estava fazendo efeito e que eu iria trazer a mesa até a porta para que a sensação de claustrofobia passasse. João é o garoto mais alto da turma, mais alto que eu, com um jeito de molecção, sorriso fácil e atentado, me olhava com o olhar de maior ternura que já pude experimentar na minha vida profissional. Assim que fui em direção a mesa para trazê-la até a porta, ele saltou para frente e pegou um lado da mesa para me ajudar. Senti que fui abraçada naquele momento por ele por todos e todas da turma. Amo o 8º C e, vira e mexe lá vai o João acompanhado por um professor para a sala da coordenação. Acho que ele não mostra seu lado doce para mais ninguém da sala e tenho tentado trabalhar isso com ele e com toda a turma.

Em uma das minhas idas ao médico, conversávamos sobre a escola e sobre a vida, situação política triste brasileira, quando ele disse o que me ascendeu novamente, dentro de mim, naquele cômodo escuro: *“A escola não dá mais espaço para que os estudantes possam criar, daí ela tem ficado chata.”*

Essa conversa ainda reverbera dentro de mim e em todas as minhas aulas eu planejo a criação, de objetos malucos, de embalagens para esses objetos, das propagandas em vídeo tendo os estudantes como protagonistas. Tenho conseguido

me aproximar de todos e todas, tenho falado mais baixo, tenho tido mais carinho nas minhas atitudes. Tenho pensado em fazer das minhas aulas um momento prazeroso de estar junto quer seja cantando, quer seja conversando, quer seja pesquisando com livros ou na internet. O remédio tem me ajudado a redescobrir quem eu sou de fato e este trabalho de monografia tem ajudado a lembrar que sou eu e as escolhas que fiz, escolhas que tentei fugir em ocasião do curso de cozinheiro, mas algumas aulas na pós me cutucavam para olhar de novo para educação. Era a minha forma de dizer que não estava feliz como naquela foto 2 com cara de emburrada, fechada até que algumas aulas me faziam olhar para a educação.

Nas minhas raras idas para a UFPR assistir as aulas da pós, aos sábados, tive alegria de estar lá certo sábado que um homem com cara de poucos amigos era quem ficaria o dia todo conosco. Como já disse antes e com a minha experiência com caras brabas minha percepção não me enganou: os caras brabas são os melhores.

Começou a aula falando pouco e pausado, nos sentindo. Lá pelas tantas da manhã nos lascou uma indagação de que, será que éramos realmente um coletivo?

Nesses tantos anos de sala de aula como aluna, como professora aprendendo sempre não havia PARADO para pensar e analisar isso. Como nunca pensei sobre isso? E a cortina do espetáculo foi se abrindo quando ele, o professor de cara braba ia se fazendo entender.

Foi muito gostosa a sensação de que não estávamos em uma sala de aula e sim em uma autodescoberta e a descoberta do outro.

Nos deu um texto para ler e para pensarmos na morte e nos contou algo de sua vida. Eu pensei: esse cara braba está revelando algo íntimo seu para todos nós. Ele deve nos valorizar.

Conversamos longamente sobre a morte e todos puderam falar e ouvir aprendendo uns com os outros, mas ainda não éramos um coletivo e isso ainda me intrigava.

Outros dias passaram outros textos vieram e nos fizeram aprender a escutar com Rubem Alves e a Escutatória, texto profundo de humanidade, mas antes, da escuta individual para que se possa escutar com valor a outra pessoa. A sensibilidade de Mia Couto foi apresentada por meio de um texto que esse profe. de cara braba nos trouxe, Da cegueira coletiva à aprendizagem da insensibilidade, daí chorei. O texto de Mia Couto trazia a história de um professor da escola primária que

o comoveu com a ação de ler um texto seu para toda a sala, que falava sobre sua própria vida e como a vida de sua mãe era enaltecida pelo professor. Quando, mais para frente no texto cita Mandela, o cara da minha vida, nó na garganta mais uma vez e, mais uma vez fiquei a pensar naquele homem preso em uma sela, com seus próprios pensamentos, angústias, medos. Temendo por sua família, por seus amigos, privado do contato com tudo e todos. Acho de uma força avassaladora a forma com que se manteve lúcido e ainda esperançoso e aqui não sei como faço para que essa frase se mostre gritando dentro de mim para quem está lendo. Que força é essa que manteve Mandela esperançoso principalmente com relação a direitos políticos. Preciso voltar a ler mais Mandela.

Esses anos de desgoverno com Alberto Richa tem me feito achar que não há esperança e que não tenho subsídios internos para aguentar ver o povo sofrer, perceber que nossos direitos são retirados para “salvar o Brasil “ e esses direitos são retirados por aqueles que são servidos com garçons em suas assembleias e que nada é retirado daqueles que mais têm. Quero acreditar que não dá mais para nos colocar dentro de uma caixa e nos deixar lá, tampadinhos para que não falemos nada e não sejamos escutados.

Enfim, acredito que todo esse estudo não acaba aqui mesmo porque a minha vida ainda não acabou, espero ter forças para continuar acreditando e sendo feliz assim como o homem de cara braba me fez sentir, me cutucando para a vida, para os meus e o coletivo. Quero me encher de esperança para acreditar que essa luta desigual de existir ela é muito melhor se for no meio dos meus e minhas pequenos e pequenas ou dos grandões e grandonas que eu escolhi dedicar a minha vida. Sinto falta de vocês neste momento de greve.

Neste momento da apresentação deste trabalho quero deixar registrado a ocorrência do arrombamento em minha casa, numa segunda-feira, dia 25/06/2018, na semana da III CONANE caiçara, onde me foram roubados vários objetos pessoais, dentre eles meu notebook em que, estava este trabalho todo organizado, escrito com minúcias pois, como um diário, fazia os relatos sobre a ANE e as Ações que promovi e participei, no calor da emoção vivida. Além da decepção e frustração, voltar a organizar este trabalho me foi um grande e dolorido esforço, haja visto, a superação da invasão a minha casa, a revolta provocada e a minha própria responsabilidade por não ter salvo em nenhum outro lugar a não ser o próprio notebook.

Retomo a organização deste trabalho, mesmo com dificuldades emocionais, mesmo com prazo de entrega atrasado, mas com ajuda profissional e de amigos minha história, porém, nem de longe este trabalho é o que eu gostaria de entregar. É o básico dos meus estudos, trajetória, vivências e aprendizado neste tempo.

3 RELATO

As OMIs – Oficinas de Múltiplos Interesses, não nasceram com este nome. Ele, o nome, surgiu de uma provocação da Susan em uma conversa informal, para que as oficinas fossem vistas e reconhecidas no seu formato, porém, desde 2014, a OMI já existia.

Concomitantemente lecionava no Colégio Tereza no período matutino e, no Colégio Gabriel de Lara, aqui em Matinhos – PR, com estudantes dos 6ºs e 7ºs anos do período vespertino. A vontade de organizar oficinas com diferentes saberes, me veio da vontade de presentear as crianças do período vespertino em comemoração ao dia das crianças em outubro deste. E porque eu fiquei mais interessada de propor esta atividade no Colégio que eu tinha aulas extras e não no Colégio Tereza onde o padrão do concurso estava alocado?

Mesmo dando aulas no Colégio Estadual Professora Tereza da Silva Ramos desde 2011, não sentia que eu era aceita naquele espaço. Sentia-me como uma invasora já que as aulas de arte eram dadas por professores de outras áreas pois não havia professores formados em artes em Matinhos – PR, o que é ainda hoje uma defasagem grande do Litoral do PR. Defasagem esta que vem diminuindo com o Curso de graduação em Arte pela UFPR – Litoral. Hoje, 2018, já não temos falta

de professores formados na cidade de Matinhos, fato este que me “obriga” buscar aulas extras em colégios estaduais na cidade de Paranaguá. Me obriga está escrito entre aspas porque é um grande prazer para mim estar em contato com a cidade de Paranaguá, pela acolhida, por sua história, arquitetura, linguajar peculiar, enfim, sou feliz por dar aula em Paris`naguá, carinhosamente chamada pelos locais. Mas voltando a história do nascimento das OMIs.

Para o dia comemorativo das crianças deste ano de 2014, pensei em oficinas que envolvessem diferentes temas, a princípio dentro das artes, mas para que professores pudessem participar com mais interesse, eles e elas poderiam pensar em algo que gostassem de fazer, fosse motivo de prazer ou, ainda, que outra pessoa fizesse e que fosse interessante trazer essa pessoa para dar uma aula em oficina.

Foi realizada oficina de musicalização onde os professores de geografia, história e física se reuniram para isto:



Oficina de Customização de roupas, proposta pela avó de três estudantes da escola e bonecos de papel machê.



Houveram também oficinas de cinema com apreciação de filme, crochê, malabares, caixinhas com dobraduras, registros fotográficos – prática das oficinas- em que, eu propunha até para poder ficar mais livre na organização, otimização e logística de todas as oficinas. Mas, a mais procurada de todas as oficinas foi a de Cup Cakes que foi realizada em parceria com a professora Carlas do curso de Confeiteiros do SENAC. Os registros não me deixam mentir:





Foi quando a sala de aula ficou pequena



Se modificaram e deram conta do recado



Eu na foto.

Este evento foi um sucesso porque colegas professores que tinham aula no dia em questão concordaram em possibilitar um outro conhecimento e aprendizagem possível dentro do espaço escolar. Também, porque estudantes se mostraram entusiasmados em aprender algo dentro do espaço escolar e interagir com estudantes de outras salas, uma vez que, a escolha das oficinas, ou melhor, a inscrição na oficina foi feita por cada estudante naquela oficina que mais lhe interessasse e, as oficinas tinham estudantes de quase todas as turmas do colégio. Eis o nascimento das OMI's. Somente dois anos depois deste trabalho me senti segura para propor o mesmo formato de oficinas no Colégio Tereza e, em 2017, já na ANE, as OMI's foram organizadas com a colaboração ímpar da UFPR Litoral.

Foram realizadas várias atividades de artes juntamente com os estagiários do curso de graduação da UFPR Litoral com oficina de percussão Maracatu com a estudante Bruna Batagin, Vitor e Thomaz com oficina de Arte Grafite, Mestre Bacico com samba. Estudantes da escola propuseram oficinas de Skate e Produção de Pipas e as professoras se colocaram à disposição para oficina de musicalização junto com alguns estudantes atuando no violão ou no coral e, na culinária, a oficina de Cup Cakes, dada pela professora Arilda foi um sucesso de procura.

Enquanto estudante da Especialização em Alternativas para Nova Educação – ANE, fiz destas oficinas a maneira de mostrar para os professores no Colégio Tereza que podemos aprender com nossos estudantes, podemos aprender com estudantes da UFPR Litoral, podemos aprender com os espaços e que é possível fazer a educação de uma outra forma.

E, assim, as OMI's foi meu plano de Ação para a ANE:

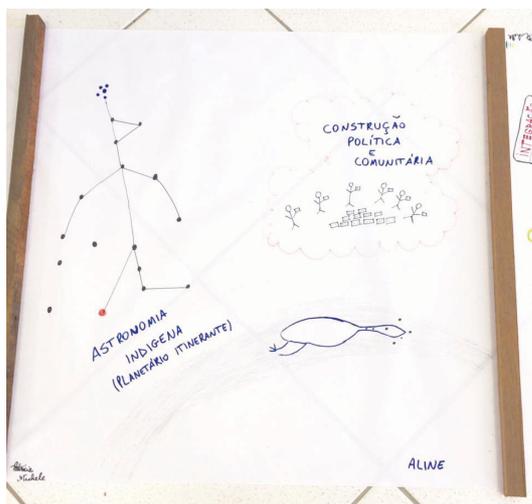
Momento na ANE para visualização de todas as propostas de ações



Minha forma de mostrar meu plano de ação as OMs.

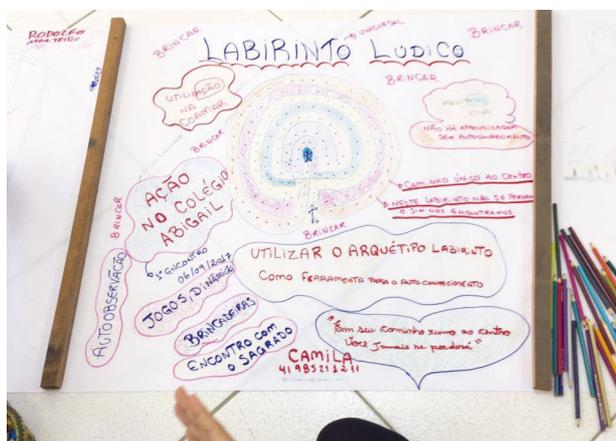


Ação da Aline que veio a ser
parceira com o Planetário
Inflável no Col. Tereza



Projeto de Ação da saudosa Artista
Aneana Sônia

Labirinto Lúdico, parceria presente da
Camila no nosso Colégio com professores





Como a proposta da ANE era de que, cada estudante oportunizasse, pelo menos, dois momentos para que os colegas contribuíssem com suas participações e, que, cada estudante da ANE pudesse se colocar em, pelos menos, duas ações dos colegas, realizei o seguinte plano de ação na ANE para ser realizado no Colégio Tereza:

ANE - Samira Padilha Xavier

Projeto de Ação

Com vista a aceitação do formato das *Oficinas de Múltiplos Interesses entre estudantes e professores, proponho ações:

- AGOSTO: em comemoração ao dia do estudante que é festejado no dia 11, Oficinas de Múltiplos Interesses em parcerias com estudantes da ANE - Alternativas para Nova Educação com artes visuais, dança. Outras pós-graduações com teatro e textos, plantas suculentas. Pessoas da comunidade como é o caso de uma mãe que nos ajudará com oficina de fotografia, e em construção.

Enquanto os estudantes estão nas oficinas, pretendemos que os professores da escola estejam em uma conversa direcionada pelo Marcos, Andressa e Vicente da

ANE, sobre o que vem a ser NOVA EDUCAÇÃO com provocações e conversas (ainda em construção). Desta atividade com os professores será feito um certificado de Formação da UFPR LITORAL que conta como horas aos professores.

EJA : Para a Educação de Jovens e Adultos, pensamos no Fórum da EJA com o tema: Matinhos em Foco: Fatos e Versões, que acontecerá no dia 10, com parceria do ICH - Interações Culturais e Humanísticas na pessoa do Professor Filipim disponibiliza-se a uma conversa no auditório da UFPR LITORAL com o resultado do ICH do 1º semestre de 2017, sendo que os estudantes deste ICH que irão se colocar em conversa com os estudantes da EJA.

Estamos tentando uma parceria com a guarda-municipal para um passeio ciclístico noturno nos pontos turísticos da cidade como Saga da Caetana, passando pela Praia Mansa, Praia do Vitao (que faleceu este ano) e em todos os pontos fazendo paradas para conversas e contação de causos, Estamos tentando parceria como curso de Turismo da UFPR LITORAL

- OUTUBRO: Oficinas de Experimentos Científicos com parceria com a UFPR LITORAL na pessoa da professora Vanessa da Educação do Campo onde os estudantes do curso irão propor os experimentos científicos e entrará como horas de estágio ao curso.

- NOVEMBRO: Oficinas da Consciência Negra que é pensada para o dia 20, com parcerias com os estudantes da pós-graduação e professores da escola com dança, culinária, cinema, entre outras ainda pra se pensar.

*São oficinas que são estabelecidas previamente para que os estudantes possam se inscrever em duas: antes e depois do intervalo. Num exercício de autonomia, os estudantes se dirigem oficina que foi escolhida previamente.

Oficina	Oficineiro	Materiais
<p>1 - PIPA: Será produzida/montada a pipa e empinada a pipa no gramado da escola</p> <p>sl 8</p>	<p>Deivid e Eduardo 8ºD – Colégio Tereza</p>	<p>- 2 papeis seda; - 4 varetas p/ montagem da pipa - fio - cola e tesoura</p>
<p>2 – DESENHO E TÉCNICA DE SFUMATO</p> <p>sl 5</p>	<p>Jenifer Maiara e Victor Hugo Colégio Tereza 9ºD – Colégio Tereza</p>	<p>- Folhas de sulfite e lápis 6B</p>
<p>3 – DANÇA</p> <p>sl 4</p>	<p>Amanda UFPR LITORAL</p>	
<p>4 – TEATRO: exercícios para construção de personagem</p> <p>sl 3</p>	<p>Rafa Falcão e Lorena Mathozo UFPR LITORAL</p>	
<p>5- PRODUÇÃO DE BISCOITINHOS GREGOS</p> <p>refeitório</p>	<p>ProfªMichikoTereza</p>	
<p>6 – ARTES VISUAIS</p> <p>sl 7</p>	<p>Shinha UFPR LITORAL</p>	
<p>7 - EXPRESSÃO ARTÍSTICA: a partir do diálogo no grupo, será decidido um tema e escolhido uma maneira de expressar o que sentem por meio de pintura, poesia, rap, grafite estêncil.</p> <p>sl 2</p>	<p>Denise UFPR LITORAL</p>	
<p>8 – PASSEIO CICLÍSTICO TURÍSTICO: Sairão da escola acompanhados por estudantes de turismo e professor de Geografia que irão até os pontos turístico de Matinhos próximos a Praia Mansa e retornando</p>	<p>Estudantes de Turismo da UFPR LITORAL e ProfºEduardo de Geografia e estudante de Pós graduação ANE da UFPR LITORAL</p>	<p>- Bicicleta; - Boné e água para o consumo próprio</p>

para escola bicicletário		
9 – CAPOEIRA E SAMBA quadra	Mestre Bacico	
10 – MÚSICA E VIOLÃO sl1	Thiago 9ºA Col. Tereza	-Violão
11 – FOTOGRAFIA sl 9	Mãe da Gabi 9ºA Col. Tereza	
12 – FLAUTA DOCE: experimentos com o instrumento musical corredor de entrada portão principal	Profª Samira – Col. Tereza	
13 – TRANÇAS EM CABELOS sl dos profs ou antiga secr.	Não certo ainda ¹	
14 – HORTA NO ENTORNO DA ESCOLA horta	Wilson UFPR LITORAL	

E por ocasião desta OMI fizemos a desFormação para os professores. Esse nome surgiu da minha insatisfação com as formações semestrais nos enfiadas goela abaixo pela Secretaria do Estado de Educação. A “formação” sempre me remetia a ideia de um órgão malformado, então, quando realizamos a formação nossos órgãos ficariam, como num passe de mágica, formados. A desFormação vem como uma maneira de ouvir os professores e mostrar que a insatisfação é de um grupo grande e por isso precisamos unir forças para tentar mudar a forma de escolarização. Desta desFormação resultou vídeo que a Juliana e o Leandro, colaboradores e entusiastas da ANE produziu de maneira primorosa e se encontra no Canal do Youtube Ciências da Educação. E destas oficinas, a mãe da Gabi pede desculpas por ter perdido todas as fotos na perca do H.D. do seu computador.



Um outro momento de desFormação

Por ocasião dos estudos da Equipe Multidisciplinar na escola e, a obrigatoriedade de realizar atividades junto aos estudantes e comunidade da escola, foi escolhido o dia da Consciência Negra para implementação dos estudos da Equipe junto comunidade escolar ficou resolvido que faríamos o dia 21 de novembro de 2017 o dia da Consciência Negra e Indígena e em alguns meses antes numa das ações da Sara que eu e o Landir estávamos, conversamos sobre a possibilidade de trazer os estudantes da Aldeia Araçay até o Colégio Tereza. Professor Valdo que estava por perto topou a ideia e disse que ajudava com a viabilização do transporte dos estudantes da Aldeia para nossa escola. E assim foi feita a integração dos estudantes da aldeia indígena com os estudantes da “aldeia” litoral. Segue abaixo as descrições das OMIs – Cultura Indígena e Afrobrasileira.

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ.
COLÉGIO ESTADUAL “Profª TEREZA DA SILVA RAMOS”**

Ensino Fundamental e EJA Matinhos – Paraná.

mosterezamos@seed.seed.pr.gov.br

OFICINAS MULTIDISCIPLINARES DE CULTURA INDÍGENA E AFROBRASILEIRA.

<p>Artesanato de Boneca Abi - Karin</p> <p>A oficina oportunizará o contato com a história africana do brinquedo e a produção artesanal da boneca</p>
<p>Filtro dos sonhos - Silvana</p> <p>Com origem na América do Norte, o filtro dos sonhos é produzido pelos indígenas e a oficina trará a origem deste artesanato bem como as tramas do seu feito.</p>
<p>Oficina de Maracatu - Bruna</p> <p>Esta oficina trará os sons da batida do maracatu bem como sua história de descendência africana e o conhecimento dos seus instrumentos musicais.</p>
<p>Danças de origem Africana - Amandinha</p> <p>O contato com a história das danças africanas elucida muitas das danças ditas brasileiras. Oportunizar o conhecimento destas histórias e o contato delas com o próprio é o objetivo desta oficina.</p>
<p>Samba e Capoeira – Mestre Bacico</p> <p>Estas duas temáticas estão intimamente ligadas a nossa cultura e lidar com elas na história, no próprio corpo e no corpo do outro dará a oportunidade aos estudantes de conhecimento e valorização deste patrimônio imaterial brasileiro</p>
<p>Penteados</p> <p>Esta oficina pretende valorizar a beleza negra enaltecendo os penteados por meio de tranças em cabelos afrodescendentes bem como a origem destes penteados, potencialidade e presença em nossa cultura.</p>

Os estudantes sabendo de antemão sobre as oficinas conseguem escolher aquela de maior interesse e realizam suas inscrições onde melhor lhes agrada. E de antemão também fomos surpreendidos por uma mensagem no aplicativo de mensagem do whatsapp de que não era para deixarem os filhos e filhas irem para a escola neste dia pois a escola estaria ministrando aulas de bruxarias, bonecos de vudu e a atração seria o lanche. O Diretor se reportou a delegacia para fazer um boletim de ocorrência.

DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL

B.O. N: 2017/1341409
(1 VERSAO)
IMPRESSÃO SIMPLIFICADA
COMUNICAÇÃO DA OCORRÊNCIA

BOLETIM DE OCORRÊNCIA UNIFICADO

DELEGACIA DE POLÍCIA DE MATINHOS
MATINHOS - RUA DA FONTE, 250 - CENTRO
(41) 34530966

NATUREZA(S): FATO NAO CONSTATADO - SEM ILICITUDE - CONSTATADA - OGORRENCIAS NAO DELITUOSAS

DATA E HORA DO REGISTRO: 17/11/2017 10:22
DATA E HORA DO FATO: INICIAL:16/11/2017 19:00 FINAL:16/11/2017 20:00

ENDEREÇO: NAO INFORMADO **NÚMERO:** 0

MUNICÍPIO: MATINHOS - PR **BAIRRO:** NAO INFORMADO

AMBIENTE(S): ESTABELECIMENTO DE ENSINO ESTADUAL

MEIO(S) EMPREGADO: INTERNET

PROVIDÊNCIA POLICIAL: BOLETIM DE OCORRENCIA

ENVOLVIDO(S): JEANN CARLO BRUNKHORST - NOTICIANTE - CARTEIRA DE IDENTIDADE - 6136397 - (41985334318)

DESCRIÇÃO SUMÁRIA: COMPARECEU NESTE DEPARTAMENTO DE POLICIA CIVIL NA DATA DE HOJE O NOTICIANTE O QUAL É DIRETOR DA ESCOLA TERREZA DA SILVA RAMOS. RELATA QUE TODO ANO NO MÊS DE NOVEMBRO FAZ UMA FEIRA E EXPOSIÇÃO SOBRE A CONSCIÊNCIA NEGRA. INFORMA QUE NA DATA DE ONTEM RECEBEU UMA MENSAGEM VIA WHATSSAP, A QUAL FALAVA QUE ERA PARA OS PAIS DOS ALUNOS DO COLÉGIO TEREZA RAMOS, INFORMANDO QUE IRIA HAVER UMA FESTA COM OFICINAS DE COMO FAZER BONECO DE VUDU, IRA PASSAR UM FILME DE FEITIÇARIA, OFICINAS ONDE IRA ENSEINAR AS CRIANÇAS COMO AGIR NA FEITIÇARIA E DANÇAS AFRICANAS! E FALA AINDA QUE OCORRERA UM ALMOÇO ONDE O COLÉGIO IRA FAZER STROGNOFF PARA AS CRIANÇAS COM O INTUITO DE ELAS IREM A ESTE EVENTO E PARTICIPAR DESSAS COISAS DO INFERNO" A AUTORA DOS FATOS É DESCONHECIDA, A MESMA FAZ FANATISMO RELIGIOSO NO RACISMO, FALA É PARA TODOS OS PAIS ORAR E CLAMAR EM FAVOR DAS CRIANÇAS PARA O ESPÍRITO SANTO PROTEJA TODO O MAL. O NOTICIANTE INFORMA QUE TEM TODO TODO O PLANO DE ENSINO QUE IRA ACONTECER NOS DIAS DA FEIRA, OFICINAS, O NOTICIANTE INFORMA QUE VEIO FAZER UM BOLETIM DE OCORRENCIA PARA RESGUARDA DA ESCOLA E DOS ALUNOS. É O RELATO.

EU, JEANN CARLO BRUNKHORST, RESPONSABILIZO-ME PELAS INFORMAÇÕES ACIMA PRESTADAS E POR ESTE INSTRUMENTO.

Assinatura

RESPONSÁVEL PELO PROCESSO: KIMBERLLY YANKA VÉRAS DE ANDRADE

DELEGADO: MAX DIAS LEMOS



Este documento não contém emendas ou rasuras. Página 1 - 1 Impresso em: 17/11/2017 às 11:05
O boletim poderá ser reimpresso através do portal www.delegaciaeletronica.pr.gov.br, utilizando o protocolo 96bda8e2f79e0d257361b547df906aed

Mesmo assim as oficinas aconteceram com muitos pais, mães e responsáveis indignados com tal mensagem.

A energia geral foi tão boa que logo ninguém lembrou do ocorrido.

Amandinha colaborou na oficina de dança



Estudantes do Tereza “levando um pau” da galera da aldeia no jogo de futebol.



Mostra dos trabalhos artesanais produzidos pelos índios guaranis



Conversas intermediadas pelo Professor Landir que oportunizou a vinda dos estudantes da escola indígena até a nossa aldeia aqui no litoral.



Conversas sobre como foi importante a união de todos para que o encontro acontecesse.



Cânticos sagrados



Entrando na dança dos índios



Entrando na dança dos caiçaras



Fôlego ainda para interação com estudantes da Escola Estadual "Abigail" por intermédio da professora Nahyr estudante da ANE.



A Escola Estadual “Abigail” colaborou em várias das OMIs na pessoa da Professora Nahyr, Aneana. Na OMI de Experimentos Científicos os estudantes do 8º ano da escola Abigail propuseram oficinas das pesquisas realizadas nas aulas de ciências com Prof. Nahyr e foram mostrar os resultados e como experimentos científicos aos estudantes do Colégio Tereza. Assim escreveu a Prof. Nahyr:

A proposta de intercambio veio da parceira de alternativas, Samira Xavier, que convidou nossa escola para compor uma das Oficinas da Semana comemorativa na Escola Tereza Ramos. Os estudantes do 8º ano se organizaram e levaram seus jogos e experimentos científicos para a Escola anfitriã. Nessa oportunidade, durante uma manhã, jovens de diferentes escolas compartilharam saberes e se divertiram através dos jogos produzidos por eles mesmos.



Intercâmbio entre escolas através do jogo didático, 2017.

Para esta OMI contamos com a parceria da Professora Vanessa do curso de Graduação em Educação do Campo e foi realizada as seguintes oficinas:

OFICINAS DE EXPERIMENTOS CIENTÍFICOS

IDENTIFICAÇÃO → Local: Colégio Estadual Tereza da Silva Ramos

→ Endereço: Rua Martinho Ramos, 200-Tabuleiro (Matinhos/PR)

→ Data: 01/11/2017 – Quarta-feira → Horário: Das 7h30min às 9h50min e das 10h15min às 11h45min

→ Oficineiros: Estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza da UFPR Litoral

→ Professoras mediadoras: Vanessa e Michelle

PROPOSTA DAS OFICINAS OFICINA

1: TERRÁRIO Descrição: A oficina busca reproduzir o ecossistema por meio da construção coletiva de um terrário, simulando um microambiente em equilíbrio que funciona de forma autossustentável. Dessa maneira, é possível observar a interação entre plantas e animais, assim como os ciclos da água e do carbono, a fim de que os estudantes compreendam que eles interagem o tempo todo e que qualquer ser vivo tem sua função na natureza.

OFICINA 2: FOTOSSÍNTESE Descrição: Sem a fotossíntese, não existiria vida em nosso planeta, pois é através dela que se inicia toda a cadeia alimentar. Daí deriva a grande importância das plantas, vegetais verdes e alguns organismos clorofilados. Uma vez que é a fotossíntese que nos fornece oxigênio para a respiração, a oficina busca, por meio de experiências científicas, demonstrar como esse processo funciona e de que maneira afeta a natureza e a nossa vida.

OFICINA 3: SUBSTÂNCIAS E MISTURAS Descrição: Praticamente todos os materiais da natureza são formados por misturas de duas ou mais substâncias presentes no planeta. O objetivo da oficina é desenvolver a capacidade de estudante compreender e aplicar propriedades físicas e químicas, por meio de experiências de separações e misturas de substâncias presentes no nosso cotidiano.

OFICINA 4: OS SENTIDOS HUMANOS Descrição: Os sentidos humanos são as ferramentas essenciais na construção do que entendemos por realidade e

nos permitem compreender melhor o mundo em que vivemos e nós mesmos. Nesse sentido, a oficina busca refletir e vivenciar como funciona cada um dos sentidos humanos e que relação eles tem com o sistema nervoso, por meio de uma vivência na qual os estudantes terão contato com diferentes sensações.

OFICINA 5: MICROSCOPIA Descrição: A microscopia tem uma importância significativa no estudo das células, uma vez que muitas características essenciais para a compreensão dos sistemas biológicos não podem ser vistas a olho nu. A oficina busca, além de instigar a curiosidade dos estudantes para a ciência, ensinar e incentivar o manuseio de microscópios para a observação de células animais e vegetais.



Estudantes da UFPR Litoral e o Vice-diretor do Colégio Tereza.

OFICINAS DE MÚLTIPLOS INTERESSES - OMI

Compartilhando conhecimentos - Integrando histórias - Unindo forças.

Colégio Estadual Tereza da Silva Ramos – Tabuleiro.**14/04/2018 – 8h às 11h30**

Com os objetivos de integrar estudantes dos períodos da manhã, tarde e noite, encontrar e reencontrar ex-alunas e ex-alunos e matar saudades, comemorar do aniversário da nossa querida escola “Tereza”, aprender e repassar conhecimentos em variadas áreas, contar histórias de vida e contribuir para o espaço democrático da escola, a proposta de Oficinas de Múltiplos Interesses – OMI, desta vez quer integrar a comunidade de pais, mães, estudantes, ex-estudantes e pessoas atentas a importância da escola. Para maior socialização entre as pessoas pensamos oficinas que atendem muitos interesses, desde pequenos reparos para ser feitos em casa – só para mulheres, até música ou um passeio ciclístico visitando alguns rios da nossa cidade com estudantes do Col. Gabriel de Lara e Abigail. Será um sábado festivo e cheio de histórias pra contar. Escolha sua oficina, ou proponha alguma. As inscrições serão feitas a partir de segunda – feria 09/04/2018 e as vagas nas oficinas são limitadas. Corra e venha matar saudades ou conhecer coisas e pessoas.

Para o final, por volta das 11h teremos Show de Rap com os músicos da Aldeia Indígena Araçay que nos visitou o ano de 2017, integrando mais conhecimentos a nossa manhã. Sejam todas e todos bem-vindos e bem-vindas.

Oficina 1 – Horta Escolar Ecológica – Profs. Wilson ANE* e Cia.: encontro na horta da escola.

Oficina 2 – Jardim Sensorial – Profs. Marcio e Matheus – ambos da ANE: encontro no bicicletário

Oficina 3 – Música Popular – Prof. Alex ANE: encontro na sala 1

Oficina 4 – Beleza no Tereza: Pequenos reparos – Raoni e Flávia ICH* Bairro Educador: encontro no refeitório

Oficina 5 – Escrita Criativa Poesias – Xinha ANE: encontro sala 6

Oficina 6 – Inclusão da Cores – Suzana e Silvana ANEs: encontro sala 7

Oficina 7 – Quer propor esta oficina? Escreva sua proposta e deixe uma forma de contato como número de celular ou e-mail/facebook, e deixe na secretaria na pasta da prof. Samira.

Oficina 8 – Pintura do Mural – Jé Chelsea: encontro embaixo do pé de guapê ao

lado da quadra.

Oficina 9 – Passeio Ciclístico: Encontro de Rios – Prof. Eduardo Col. Gabriel de Lara e ANE Prof. Nahyr Col. Abigail e ANE -encontro nas escolas e posterior encontro na Sede do Corpo de Bombeiros

Oficina 10 – Teatro com Oficina de Palhaço – Prof. Letícia ANE: encontro sala5.

Inscrições na secretaria da escola. Corra porque as vagas são limitadas.

Todas estas informações estão sujeitas a alterações e/ou mudanças

DAS MINHAS PARTICIPAÇÕES NAS AÇÕES DAS COMPANHEIRADAS

16/09/2017

Forno Comunitário Pão - Vivência na Aldeia Guarani Araçay

Ação proposta pela estudante da ANE: Mayara

Receita para pães felizes:

Grite para a galera que vão começar os trabalhos...



... junto olhares de curiosidade,



com muita história boa.

Depois agregado todos ingredientes, amasse bem com certa medida de carinho e deixe crescer em silêncio



Divida a massa com justiça...



Abra cada uma das massas, recheie com boas memórias dando forma ao pão.



Aqueça o forno, mas não se empolgue.



... já bastam as injustiças sociais, ok?



Se faltarem formas para acomodar os pães, folhas de bananeiras servem.



E nada de deixar os pães crescidos em corrente de ar frio



Experimente colocar beterrabas batidas com água no liquidificador no meio da massa do pão, elas nunca mais vão voar pelas janelas na hora da merenda...

E se delicie ao final do dia.



29/09/2017

Oficina de Bambus Wil



Diversos participantes colaboradores da Oficina. Público participante de Matinhos, Curitiba, Oeste do Paraná, Itapoá-SC.



Oficina com aprendizado atingindo diversas faixas etárias.



Parte prática da Oficina. Disseminando técnicas de Agroecologia, Permacultura e Bioconstrução com bambu.





Término 23/06/2018

28/10/2017

Ação da Sara

Acampamento José Lutzemberger, Rio Pequeno - Antonina









25/11/2017

Ação da Adri Eli Souza

Assim escreveu a Adri sobre sua ação:

Terceiro encontro na Casa do Capoeira - Espaço de práticas e saberes. A ação do Projeto lúdico de capoeira: Educar e Brincar no Balanço da maré ocorreu com a interação do grupo de capoeira Zoeira Nago, discentes da ANE e pescadores artesanais. Apresentou-se projetos com ênfase em Educação Ambiental formal e não- formal e sobretudo o resgate da história dos pescadores e pescadoras artesanais da Colônia de Pescadores do município de Matinhos/PR.



CONANES

Amorim Lima 2016

Quando fui convidada para conhecer a Escola Amorim Lima em São Paulo, estaria acontecendo a CONANE Regional Paulista, neste espaço educacional.

A EMEF Desembargador Amorim Lima é uma escola municipal com um projeto pedagógico próprio e diferenciado. Está localizada no bairro do Butantã na cidade de São Paulo, SP, Brasil. Amorim é uma escola de ensino fundamental (1º. a 9º. ano) com dois períodos: manhã (das 7h às 12h) e tarde (das 13h às 18h), que recebe anualmente por volta de 800 estudantes e famílias que participam ativamente da comunidade.

Em 1956, nasce a primeira Escola Isolada da Vila Indiana, situada na Rua Corinto, s/nº, em São Paulo. Sua primeira organizadora foi a professora Yolanda Limongelle. Antes de se chamar EMEF Desembargador Amorim Lima, a escola teve ainda os seguintes nomes: Escolas Reunidas de Vila Indiana e Escola Agrupada Municipal de Vila Indiana. Decretos depois, ganhou, em 1968, o endereço de hoje em prédio de alvenaria.

Foi a partir de 1996, com a chegada de Ana Elisa Siqueira, atual diretora, que a escola passou a viver suas transformações mais profundas. Preocupada com a alta evasão – e ciente do triste fim que vinham a ter os alunos evadidos visto que, para muitos, era a escola o único vínculo social concreto – o primeiro esforço da nova diretoria foi no sentido de manter os alunos na escola, durante o maior tempo possível. Nesta época, derrubaram-se os alambrados que cerceavam a circulação no pátio, num voto de respeito e confiança. A escola passou a ser aberta nos fins de semana, melhoraram-se os espaços tornando-os agradáveis e voltados à convivência. Enfim, a escola foi aberta à comunidade.

A sala da diretoria deixou de ser o espaço de ameaça ao aluno desviante, para, sempre de portas abertas, ser o epicentro de uma transformação radical. A frase “Vá para a diretoria!”, deixou de ter a conotação tão comum em tantas escolas. Alunos de séries mais avançadas começaram a frequentar e viver a escola fora de seus horários de aula, como monitores em atividades várias. Com apoio e o engajamento crescente dos pais e mães de alunos e da comunidade, a escola passou a oferecer atividades extracurriculares. Instalaram-se Oficinas de Cultura Brasileira, de Capoeira, de Educação Ambiental, de Teatro. A maior participação dos pais e mães passou a se refletir na organização das festas (Festa Junina, Festa da Cultura Brasi-

leira, em agosto, Festa do Auto de Natal, com a colaboração de Conceição Acioli e Lydia Hortélio), na criação do Grupo de Teatro de Mães, no trabalho voluntário. O Instituto Pichon-Rivière e o Instituto Veredas foram convidados a fazer intervenções na escola. Conseguiu-se apoio financeiro externo para uma série de atividades – primeiro do Projeto Crer para Ver, da Fundação Abrinq, por dois anos, e depois da Fundação Camargo Correia.

Em 2002, o Conselho de Escola, fortemente constituído, começou a discutir meios de melhorar o nível de aprendizado e de convivência na escola. No sentido de melhor diagnosticar a situação real, e de tratar as questões de forma mais objetiva, foi realizada uma reunião em 11/06/02, com a presença de 52 pais e 21 professores, quando se instituiu uma Comissão com o objetivo de levantar e analisar os seguintes dados:

- número de alunos, com sexo e idade, por sala;
- número de alunos com conceito NS (não satisfatório) em português e matemática para as 1as. a 4as. séries, e em qualquer matéria para as 5as. a 8as.séries;
- alunos com mais do que 20% de faltas no semestre;
- número de aulas que os alunos efetivamente tiveram;
- número de aulas previstas e aulas dispensadas ou dadas por outro professor.

Foram diagnosticados como problemas centrais: indisciplina e alto índice de falta de alguns alunos e aulas vagas devido à elevada ausência de alguns professores. Ainda que localizada, e concentrada em algumas disciplinas (o levantamento nas 5as. a 8as. séries indicava, nos primeiros meses de 2002, ausência superior a 50% nas aulas de matemática em 5 das 11 turmas), a ausência de professor assumiu, no diagnóstico da comissão, lugar central, pois se entendeu que as outras questões – indisciplina e falta dos alunos – estariam a ela associadas.

No decorrer de 2002 a comissão foi acolhendo e encaminhando propostas, no sentido de resolver os problemas levantados. No início de 2003, a Comissão e o Conselho de Escola, examinando o texto do Projeto Político Pedagógico preparado

para o período letivo que se iniciava, entendeu que havia grande dissonância entre o texto e a prática cotidiana na escola. Não tendo, todavia, os instrumentos teóricos que lhes permitissem aprofundar a análise da prática educativa em cotejo com o proposto no Projeto, no intuito de sugerir e cobrar mudanças que implicassem numa efetiva melhora das condições de ensino, em agosto de 2003 o Conselho convidou a psicóloga Rosely Sayão – interlocutora da escola desde 2001 – a formular, com eles, esses critérios de análise. No decorrer desta interlocução, a psicóloga Rosely Sayão apresenta-lhes um vídeo sobre a Escola da Ponte, de Portugal, que causa grande impacto nos membros do Conselho: de imediato é percebida a grande semelhança entre os valores que os animavam e aqueles que o vídeo sobre o cotidiano na Escola da Ponte faziam transparecer. É vislumbrada como possível a adequação da prática aos valores propostos no Projeto Político Pedagógico da escola.

Tendo recém visitado a Escola da Ponte, e notando o entusiasmo da comunidade da Amorim Lima pelo Projeto Fazer a Ponte, a psicóloga Rosely Sayão, a pedido do Conselho de Escola, formulou e apresentou, em setembro de 2003, uma proposta de assessoria para a implantação do projeto aqui. A assessoria foi aprovada pela Secretaria Municipal de Educação e realizou-se na escola de janeiro de 2004 a maio de 2005.

Desde então, os alunos da EMEF Desembargador Amorim Lima têm a oportunidade de aprenderem e serem formados em um Projeto Pedagógico bastante diferente do que se conhece nas escolas públicas tradicionais.

QUEM FOI O DESEMBARGADOR AMORIM LIMA

Alexandre Delfino de Amorim Lima era filho de José de Amorim Lima (tenente-coronel) e Georgina Delfino de Amorim Lima. Nasceu no Rio de Janeiro, no dia 3 de maio de 1896. Neto do poeta Luiz Delfino, Amorim Lima veio para São Paulo aos 8 anos. Iniciou seus estudos no antigo Colégio João de Deus, ingressando mais tarde no Instituto de Ciências e Letras. Após o secundário, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, colando grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em 1917. Serviu como delegado de polícia a partir de 1919, nos municípios paulistas de Batatais, Itatiba, Socorro, Ipaussú e Cerqueira César.

Em maio de 1923, ingressou na magistratura, iniciando-se como juiz de direito substituto do então Distrito Judicial com sede em Palmeira.

Em 1926, foi nomeado juiz titular da Comarca de Ubatuba; em 1927, removeu-se para Areias; em 1928, foi promovido à juiz de direito de Pirajuí; em 1933, foi promovido para a Comarca de Itápolis, onde permaneceu até 1935. Passou a juiz da 7ª Vara Cível na Capital (S.P.) em 1935, de onde foi guindado para o Tribunal de Apelação. Durante o estado de sítio serviu como juiz comissionado para a inquirição dos presos políticos, nos termos da Constituição Federal de 16 de julho de 1934. Com o aparecimento do novo Código de Processo Civil, fez parte do grupo de juízes que publicou uma série de comentários a esse importante estatuto legal, encarregando-se dos primeiros 22 títulos do Livro IV.

Foi promovido a desembargador em 1941, ingressou na Segunda Câmara Criminal. No Tribunal de Justiça, emprestou brilho excepcional aos julgamentos por 24 anos. Ali foi também corregedor geral de junho de 1943 a dezembro de 1947. De 1942 a 1943, atuou na 1ª Conferência de Desembargadores, quando se discutia o novo Código Penal da República, e, em 1942, participou do Primeiro Congresso Nacional do Ministério Público, em São Paulo. Foi eleito presidente da Corte de Justiça de São Paulo, para um biênio, 55/56, após o qual passou a integrar a primeira Câmara Criminal.

Amorim Lima foi pregador notável da ordem jurídica e da soberania da lei, na disputa dos direitos. Na Magistratura Civil e Penal, com a eloquência que difundia os seus votos que eram um primor de profundidade jurídica e elegância de forma, elevou seu prestígio a mais alta admiração, inscrevendo o seu nome dentre os maiores juízes de todos os tempos. Aos ditames da lei penal, jamais faltou o seu coração, para que a justiça não fosse insensível ao grande drama da humanidade. Em sua carreira de juiz, deixou a lição magistral de seus excepcionais dotes, para a função que tanto dignificou.

Assim, de Amorim Lima, pode-se afirmar que foi um jurista emérito, que, além das eruditas lições contidas em suas sentenças, votos e acórdãos, enriqueceu as letras jurídicas do País com vários trabalhos doutrinários, que bem revelam seus mag-

níficos dotes intelectuais. Foi casado com Anna Cândida Rocha de Amorim Lima. Faleceu no dia 12 de janeiro de 1966.



CONANE 04/12/2016

No quadro abaixo, o registro da forma de trabalho na escola Amorim Lima:

O que significa:

TUTOR: é o educador que coordena um grupo de estudantes de um mesmo ciclo

(em média 20 estudantes). Toda semana às terças-feiras ou às quintas-feiras acontece a TUTORIA – dia em que o tutor fica exclusivamente com seu grupo de tutoria.

- **GRUPO DE ESTUDO:** conjunto de 4 a 6 estudantes de um mesmo ano ou ciclo que trabalham juntos todos os dias na escola.
- **ROTEIRO:** conjunto de atividades e exercícios sobre um mesmo tema que funciona como guia para a pesquisa dos estudantes.
- **PESQUISA:** momento em que o aluno se dedica a realizar roteiros, portfólios e fichas de finalização.
- **OFICINA:** aulas de matemática, leitura e escrita, inglês, artes, laboratório, informática, cultura corporal, capoeira etc.
- **PORTFÓLIO/FICHA DE AVALIAÇÃO:** instrumentos de avaliação dos estudantes em relação a seu aprendizado.
- **EIXO:** aulas específicas que unem vários temas de roteiro e que necessitam exposições mais aprofundadas e dirigidas pelos educadores
- **RODA DE CONVERSA:** momento de reunião diária dos estudantes para conversas, avaliações, colocações, decisões, compartilhamentos, questões de mediação de conflitos entre os estudantes etc.
- **Grupos de Responsabilidade:** são coletivos formados por estudantes e orientados por tutores e funcionários da escola e que tem como objetivo promover ações e cuidados para espaços físicos ou materiais de uso coletivo da escola.

Eu quero deixar registrado toda esta história da CONANE em 2016, que foi realizada neste espaço porque a escola Amorim Lima representa a materialização de um sonho profissional, uma vez que conheci sobre a Escola da Ponte em 2001 quando ingressei na graduação de Artes em Londrina e por ocasião trabalhava numa escola particular que buscava novidade, ou melhor, maneiras inovadoras em aprendizagem e José Pacheco, nos causou curiosidade em como fazer a autonomia acontecer dentro da escola.

Amorim Lima disponibiliza todas as etapas, muitos bem elaboradas, diga-se de passagem, com relação a forma que cada estudante caminha dentro da busca do conhecimento no individual e no coletivo e, divulga por meio da internet, possibilitando as mudanças que qualquer escola, comunidade escolar, professores, estudantes que se disponibilizarem à coragem da mudança e que me tocou profundamente

Conane Caiçara 2017

II CONANE CAIÇARA - 1, 2 e 3 de Junho 2017
 Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação



Auditório UFPR Litoral - Matinhos/PR

Dia 01/06
 14h José Pacheco - Comunidades Educadoras
 19h - Sonia Goulart - Painel: Desafios para uma nova educação

Dia 02/06
 14h - Thatyana Gouvêa - O movimento brasileiro de renovação educacional
 Marcos R. S. Vaz Pinto - Transformação vivencial:
 Caminhos para ressignificar a escola
 Fernanda Pasquale - COAMAR
 Comunidade de aprendizagem Maria da Restinga
 19h - Celso Vasconcelos: O professor como sujeito de transformação

Dia 03/06
 8:30 às 12h / 13:30 às 17h - Circulos de partilha, aprendizagem e ação

INSCRIÇÕES de 09 a 31 de Maio no site da UFPR Litoral.



Conane Brasília 2017



Conane Caiçara 2018



Junto ao evento do CONANE Caiçara houve as apresentações dos trabalhos de conclusão do curso da ANE onde, organizamos juntamente com o Núcleo de Matinhos/Pontal e foram apresentados os Trabalhos da companheira Adriana com a Capoeira Lúdica, companheiro Wilson mostrando sua trajetória na agroecologia e a horta sustentável e as OMs com uma das oficinas realizadas e a companheira Patricia Slompo nos ajudou com a história e a produção do filtro dos sonhos e, assim, praticamos aquilo que estudamos. Não foi apenas apresentação foi uma vivência todas as exposições da nossa trajetória na ANE até aqui.





Encerramento de 2017 na ANE

Oficinas estratégicas de empoderamento e auto afirmação para desempenhar as propostas de Alternativas para Nova Educação, com ajuda de Carlos e Suzan:





Retomada dos encontros na ANE no ano de 2018.

Estudos e propostas sobre os núcleos da ANE:



GRUPOS ANE DE APLICAÇÃO DAS METODOLOGIAS PARA ATINGIR OS OBJETIVOS DO SEMESTRE 2018-1 CONSTRUÍDOS PELOS ESTUDANTES

GRUPO	MEDIADORES	OBJETIVOS	ATIVIDADES
1	Landir e Daniele	Formar núcleos locais da ANE	Apresentar no encontro de 07/04
2	Zeca e Suzane	Investir na formação de professores às Novas Alternativas	
3	Samira e Xinha	Realizar Oficinas de (Des)formação para todos os estudantes da ANE	
4	Sara	Mapear sujeitos, locais, cidades que realizam alternativas educacionais <u>contra-hegemônicas</u> para estabelecer <u>relações</u>	
5	Márcio e Patricia	Levar a ANE, através de representantes às semanas <u>pedagógicas</u>	
6	Diego	Construir o conceito de Educação Alternativa <u>Contra-Hegemônica</u> a partir das características dos sujeitos, objetos e espaços a partir da <u>auto-avaliação</u> e de novas incorporações até maio de 2018.	

O NÚCLEO DE ALUNOS DA ESPECIALIZAÇÃO ALTERNATIVAS
PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO APRESENTA:

DOMINGÃO DA DESFORMAÇÃO!

PARA EDUCADORES E INTERESSADOS

06 DE MAIO DE 2018

DAS 09 AS 16 HORAS

OFICINAS

MANHÃ

LABIRINTO LÚDICO COM CAMILA HAUBERT

Experienciar atividades Lúdicas em Labirintos Unicursais com intuito de instigar o uso dessa ferramenta tanto para o trabalho pedagógico pelo brincar, quanto para o auto conhecimento!

(DES) FORMAÇÃO COM MARCOS ROGÉRIO

A oficina de (des)formação irá apresentar como podemos desenvolver uma proposta de formação de educadores para a melhoria da qualidade dos processos de gestão e de ensino-aprendizagem das unidades escolares. A proposta abrangerá questões que envolvem metodologia de ensino e relações interpessoais.

TARDE

CLOWN COM LETÍCIA VALERIE

A oficina serve como uma abertura do olhar para a arte do palhaço, através de atividades que utilizam a princípio o próprio corpo. Na oficina começaremos a entender o que é o verdadeiro palhaço e a sua essência, que se dá como a criança dentro de cada um.

DRAGON DREAMING COM MARIA RITA MICHALSKI

O Dragon Dreaming é um método que libera a sabedoria coletiva e promove a capacidade de adaptação permitindo que indivíduos, grupos, empresas, comunidades, ONGs e órgãos do governo se ajustem de forma criativa e positiva a situações de mudanças rápidas e potencialmente caóticas.

INSCRIÇÕES GRATUITAS E LIMITADAS

LOCAL:

UFPR LITORAL, ESPAÇO MULTIUSO,
Rua Jaguariva, 512 - Caiobá / Matinhos

Pelo link: <https://bit.ly/2qSggjx>

Ou pelo e-mail: nucleoanedesformacao@gmail.com



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como citei minha poeta preferida de infância falando da bailarina, a dança das linhas de Rembrandt e de Mira Schendel, cito agora Bauman que afirma no seu livro sobre a fragilidade dos laços humanos que:

“não passamos de dançarinos nesse grande balé que se chama universo, e a única coisa que importa é continuar dançando. Porque não existe vida sem movimento”.

A ANE foi alimento importante para minha redescoberta como profissional que não se dissocia da pessoa humana que surge e, ressurge com a coexistência e transcendência dos dias vividos na imersão dos propósitos da ANE.

Logicamente que, como alimento a ANE não acaba aqui neste relato de vivência. A ANE tem tentado ser definida por meio dos núcleos formados nesta especialização e eu acredito que ela surge como uma ferramenta de ajuntamento de pessoas que insatisfeitas com a educação hegemônica que está posta, se unem para pensar juntos como fazer diferente, já que esta insatisfação é a mesma que oprime as pessoas quando passam pela escola quando ainda estudantes e na sociedade quando lhes é negado os direitos enquanto cidadãos destes, cidadãos de direitos.

Meu trabalho como professora ganha mais braços e mais pernas com a ANE e de alguma forma a nossa escola vai experimentando o sabor das mudanças que não são fáceis, mas que a mudança é o único caminho possível. Do jeito que está a escola perde o sentido mesmo porque não é mais mão de obra que a escola precisa formar, não é isso que os estudantes querem. Querem vida, querem ser felizes também na escola. Acabou o tempo de a escola ser um espaço de sofrimento. Estes novos estudantes gritam que não aceitam mais participar da escola se for assim.

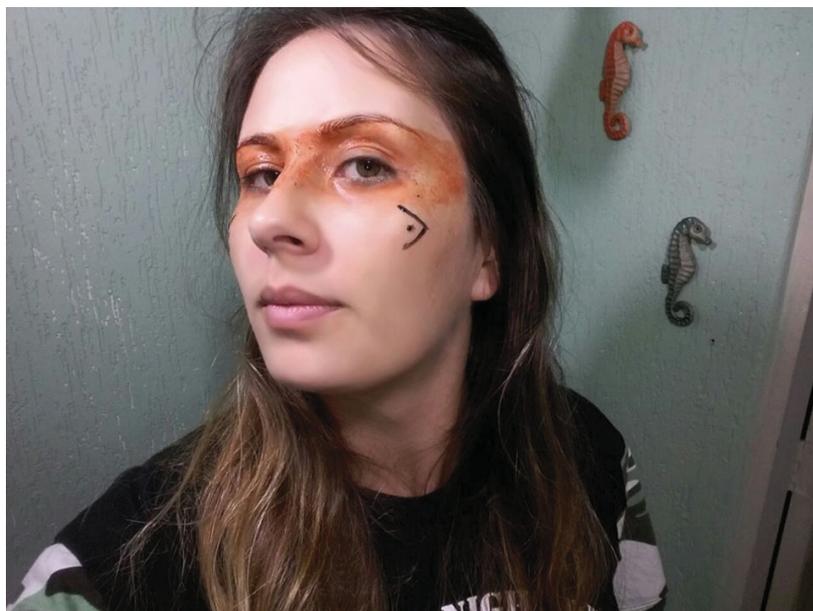
Mesmo sofrendo com a falta de apoio por parte da direção da escola que atuo e alguns professores (professores este que já estão se aposentando), eu tenho fé de que a Escola Tereza do Tabuleiro vai voltar a ser um espaço de convivência de seres humanos em busca do bem da comunidade.

Sou grata a ANE na pessoa do Valdo e da Lenir por “parirem” esta especialização e por tudo que ela representou, representa e representará na minha dança profissional e pessoal.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a companheira Denise, que conheci por intermédio do professor Valdo e logo já a coloquei no meio dos meus projetos. Sempre pude contar com ela,

figura forte guerreira como na foto que fez quando a convidei para propor oficina de pintura corporal em uma das OMs.



Agradeço a Mayara por ter me oportunizado a experiência de troca com a produção de pães que é tão significativo emocionalmente na minha história e ao Professor Almir por dividir conosco sua história com os pães...



Agradeço a Sônia que passou rapidamente pela minha vida, mas que deixou sua arte na minha história.



Agradeço, com lágrimas nos olhos, a luta, o exemplo de pessoa, a coragem aliado a doçura da nossa guerreira Ana. Sua gargalhada não sai dos meus ouvidos.



Agradeço a todas e todos que trilharam comigo este caminho, que me fizeram ser um ser humano melhor e uma profissional mais consciente do meu papel.



Ane turma 2017

Vida longa a ANE

REFERÊNCIAS

PADILHA XAVIER, Samira. Homenagem a Banhista de Rembrandt – desenhos aquosos. 2005. 87 folhas. **TCC** – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2004.

BAUMAN, Zygmund. Amor Líquido Sobre a fragilidade dos laços humanos; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

PACHECO, José. Para Alice, com amor -3 edição – São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia, 8 edição – São Paulo: Melhoramentos, 2010.

ROSSI, Maria Helena Wagner. Imagens que falam: leitura da arte na escola. Porto Alegre: Editora Mediação, 2010.

BUORO, Anamelia Bueno. Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte. 4 ed. – São Paulo: Educ / Fapesp / Cortez, 2013.

BARBOSA, Ana Mae. COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). Arte / Educação como mediação cultural e social – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch, 1896-1934. Psicologia da arte. Tradução: Paulo Bezerra. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Filme: A festa de Babete

<https://www.youtube.com/watch?v=0Zo0Ff7kS-I>

<http://itaporangapb.blogspot.com.br/2014/11/mais-dis-achados-do-poeta-pompilio-diniz.htm> acessado em 06/06/2016, 11h06.

[youtube.com/watch?v=B5ewYsEMsZw](https://www.youtube.com/watch?v=B5ewYsEMsZw)

<https://amorimlima.org.br>

<https://www.facebook.com/EMEF.Desembargador.Amorim.Lima>